



CULTURA DO OUVIR E ECOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

José Eugenio de O. Menezes

UNI

CULTURA
DO OUVIR
E ECOLOGIA DA
COMUNICAÇÃO

CULTURA DO OUVIR E ECOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

José Eugenio de O. Menezes



Este trabalho foi licenciado com uma Licença Creative Commons 4.0 International. Você pode copiar, distribuir, transmitir ou remixar este livro, ou parte dele, desde que cite a fonte e distribua seu remix sob esta mesma licença.

Renata Rodrigues
Projeto gráfico e diagramação

A dança. Henri Matisse (1910)
www.wikiart.org
Imagem da capa

Mateus Yuri Ribeiro da Silva Passos
Revisor

Dimas A. Künsch (Cáspser Líbero)
Herom Vargas Silva (UMESP)
Luciano Maluly (USP)
Marcelo Kischinhevsky (UERJ)
Mauricio Ribeiro da Silva (UNIP)
Mauro de Souza Ventura (UNESP)
Miriam Cristina Carlos Silva (UNISO)
Mônica Rebecca Ferrari Nunes (ESPM)
Roberto Chiachiri (Cáspser Líbero)
Víctor Manuel Silva Echeto
(Universidade de Zaragoza)
Conselho Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M512c Menezes, José Eugenio de O.
1. ed. Cultura do ouvir e ecologia da comunicação / José Eugenio de O. Menezes. –1ed. – São Paulo: UNI, 2016.
123 p.
Inclui bibliografia
ISBN: 978-85-92691-08-0

1. Comunicação e cultura 2. Cultura do ouvir 3. Som – corpo e cultura 4. Ecologia da comunicação I. Título

CDD 302.2

Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benitez - CRB 1/3129

Índice para catálogo sistemático:

1. Comunicação: cultura 302.2

Editora Uni

Avenida Damasceno Vieira, 903 - CEP: 04363-040 - São Paulo/SP
Fone: (11) 96998-4827
atendimento@editorauni.com

Impresso no Brasil

*Ouvir requer um tempo do fluxo
e o tempo do fluxo é o tempo do nexo,
das conexões, das relações,
dos sentidos e do sentir.*

Norval Baitello Jr.

*Conheça todas as teorias,
domine todas as técnicas,
mas ao tocar uma alma humana,
seja apenas outra alma humana.*

Carl G. Jung

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
INTRODUÇÃO.....	13
SOM, CORPO E CULTURA DO OUVIR	19
ECOLOGIA DA COMUNICAÇÃO	33
COMUNICAÇÃO E ESCALADA DA ABSTRAÇÃO	57
DINÂMICAS QUE ATRAVESSAM OS ESTUDOS DA COMUNICAÇÃO	81
CULTURA DO OUVIR, VÍNCULOS E AMBIENTES COMUNICACIONAIS	97
REFERÊNCIAS	107

APRESENTAÇÃO

ANDARILHOS DA ALMA, ANDARILHOS DO MUNDO – A COMUNICAÇÃO COMO (A)VENTURA

O amor vive nesse sutil fio de conversação, balançando-se entre a boca e o ouvido. É preciso saber ouvir. Acolher. Deixar que o outro entre dentro da gente. Ouvir em silêncio. Sem expulsá-lo com argumentos e contra-razões. Nada mais fatal contra o amor que a resposta rápida. Alfange que decapita. Há pessoas muito velhas cujos ouvidos ainda são virginais: nunca foram penetrados. E é preciso saber falar... Somente sabem falar os que sabem fazer silêncio e ouvir. E, sobretudo, os que se dedicam à difícil arte de adivinhar: adivinhar os mundos adormecidos que habitam os vazios do outro. As mil e uma noites são a estória de cada um. Em cada um mora um sultão. Em cada um mora uma Sherazade. Aqueles que se dedicam à sutil e deliciosa arte de fazer amor com a boca e o ouvido (estes órgãos sexuais que nunca vi mencionados nos tratados de educação sexual...) podem ter a esperança de que as madrugadas não terminarão com o vento que apaga a vela, mas com o sopro que a faz reacender-se.

Rubem Alves

Tendo em mãos o privilégio de apresentar o livro de José Eugenio Menezes sou imediatamente jogada à lembrança de Rubem Alves, no texto cujo fragmento trago à tona uma vez mais. E a palavra que salta é Amor.

Não aquele amor romântico que motiva telenovelas e lota os consultórios sentimentais, mas um mais difícil de alcançar, menos popular, que sustenta o mundo sem, no entanto, ser facilmente reconhecido.

Eros, segundo Junito Brandão, “nasceu do Caos, ao mesmo tempo que Geia e Tártaro... (sendo) a força fundamental do mundo. Garante não apenas a continuidade das espécies, mas a coesão interna do cosmo” (1986, p.187).

Normalmente associado ao Cupido romano, o Eros grego possui, no entanto, uma origem e um significado mais profundos, podendo ser considerado a força que vincula todos os seres e todas as coisas vivas na Terra, sem a qual a própria vida não seria possível, desintegrada na fragmentação e no desencontro.

E é a presença desse Eros que sinto ser todo o tempo evocada no texto de Eugenio quando este apresenta a relação entre comunicação e pertencimento, quando evidencia a natureza capilar e porosa da comunicação, quando aponta para a necessidade de resgatarmos o ouvir como um gesto do corpo, um corpo que se abre ao outro e que se deixa sensibilizar pela alteridade, que se deixa penetrar pelos poros da alma. Um penetrar que abriga a glória do pertencimento, mas ao mesmo tempo esconde o medo de ser possuído, de ser rejeitado, da amplificação da ferida que é ser humano. E propõe o que me parece ser a única resposta possível a esse impasse – um ato de fé, de generosidade para com a própria vida.

Quando consideramos que a vida quer viver, como afirmou certa vez Edgar Morin, redimensionamos toda a aventura planetária na qual estivemos envolvidos desde o começo dos tempos, e vemos que de alguma forma mágica e incompreensível, ainda estamos aqui. Frente a tudo que poderia dar errado, e a tudo que já deu errado, não deixa de ser um mistério e um milagre maravilhoso do grande Acaso que nossa espécie ainda esteja aqui. Nossos corpos são o testemunho de que Eros continua agindo.

Ao reivindicar a devida atenção ao tempo lento, ao ouvir e à comunicação como gestos do corpo, ao propor que façamos a escalada da abstração de volta, no sentido contrário, descendo os degraus em direção ao corpo, à vida, à Terra onde toda nossa aventura se desenrola, Eugenio está de fato propondo que possamos retomar o protagonismo de nossas vidas, exercer a consciência e as escolhas que nos cabem, resistindo aos apelos hipnóticos do programa (Flusser, 2008).

Seu texto não é uma fala cética, mas também não é uma fala ingênua: é uma voz que se levanta para argumentar a favor da vida. E, ainda que com dúvidas, com os engasgos adequados a todo o pesquisador que aprendeu a não crer nas ideias acabadas, apresenta o seu caminho em busca do ouvir. Não “o” caminho, não a certeza, não a definição, apenas seu caminho. E, com sua coragem de tocar em um tema tão urgente como o da “corresponsabilidade planetária”, nos convoca a caminhar.

Certamente será preciso ler este livro com a disposição de um andarilho da alma, dos sentidos, um cidadão planetário.

Malena Segura Contrera

*Docente do Programa de Pós-graduação
em Comunicação da Universidade Paulista
Pesquisadora PQ do CNPq*

INTRODUÇÃO

O gesto de escrever para compartilhar ideias implica a consciência de que participamos de uma teia de vínculos que nos acolhe, nos permite sentir e pensar, nos desafia a tomar a palavra, ainda que discretamente, no contexto do macrosistema comunicativo chamado cultura. Assim, o leitor deste livro recordará que viver e estudar comunicação implica o diálogo com aqueles que nos precederam e com tantos outros que nos provocam, nos desestabilizam ou nos animam nos processos cotidianos de aprendizagem que marcam a fascinante jornada de cada pessoa e da espécie humana. Jornada que, na medida em que é, pela comunicação, compartilhada com o mistério do outro e dos outros, tanto fascina quanto gera um tremendo medo, usando os termos que Rudolf Otto criou para se referir ao sagrado como mistério tremendo e fascinante.

Os cinco capítulos deste livro foram redigidos a partir do texto “Ecologia da comunicação: som, corpo e cultura do ouvir”, apresentado e debatido no Grupo de Trabalho (GT) Comunicação e Cultura do 24º Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, realizado em Brasília (Menezes, 2015). Cada capítulo amplia as principais questões abordadas e recupe-

ra, na íntegra ou em parte, outros textos apresentados em diversos congressos e/ou publicados em revistas da área de Comunicação, listados nas referências ao final do volume.

No primeiro capítulo apresentamos as relações entre “Som, corpo e cultura do ouvir”. Destacamos que os sons nos desafiam a potencializar a capacidade de vibração do corpo diante dos corpos dos outros, a ampliar o leque da sensorialidade para além da visão. Frisamos a importância de uma postura probabilística nos estudos da comunicação e destacamos as possibilidades de ir além da racionalidade, que tudo quer ver, para participar de ambientes nos quais os corpos possam ser tocados pelas ondas de outros corpos. Apresentamos a perspectiva de Harry Pross a respeito da comunicação que começa no corpo e acolhemos o desafio proposto por Dietmar Kamper quando, no contexto de excesso de imagens, detecta a necessidade de uma mudança de horizonte do ver para o ouvir e a urgência de uma cultura do ouvir.

No segundo capítulo, “Ecologia da Comunicação”, abordamos a origem do uso do termo *ecologia* no estudo dos processos comunicacionais e destacamos as contribuições de Vicente Romano para o cuidado em relação à comunicação presencial no momento em que, em termos mercadológicos, somos quase seduzidos ou coagidos a manter a conexão eletrônica vinte e quatro horas por dia. Apresentamos também exemplos da forma como os processos de comunicação, conforme descritos por Norval Baitello Jr., ocupam diferentes capilaridades: a capilaridade da comunicação presencial, a capilaridade alfabética, a capilaridade elétrica e a capilaridade eólica. No contexto de uma pesquisa em contínuo desenvolvimento, alimentada pela

dúvida e pelo diálogo com outros interlocutores, usamos a noção de ecologia da comunicação como uma metáfora sistêmica para se observar/investigar/compreender como, a partir do corpo, os processos de comunicação transbordam por diferentes capilaridades comunicacionais.

Em “Comunicação e escalada da abstração”, o terceiro capítulo, destacamos as contribuições de Vilém Flusser, considerando que sua postura filosófica idealista nem sempre permite uma sensível atenção ao corpo nos processos de comunicação. Apresentamos a escalada da abstração, termo utilizado pelo filósofo tcheco-brasileiro para descrever as transformações comunicacionais ocorridas quando o homem, além de usar a comunicação tridimensional, com todo o seu corpo, passou a usar a comunicação bidimensional, com as imagens, depois a comunicação unidimensional, com a escrita linear, e ultimamente também a comunicação nulodimensional, com os dígitos ou números. Com o autor, que criticava o discurso acadêmico quando propenso ao uso do pronome “nós” no lugar do “eu”, ainda observamos alguns termos que marcam a comunicação e a incomunicação contemporânea: programa, caixa preta, imagens técnicas, discurso e diálogo.

No capítulo quarto, “Dinâmicas que atravessam os estudos da comunicação”, mostramos que os estudos da comunicação, entre os quais se inserem as pesquisas a respeito da formação e atuação dos comunicadores, estão marcados por dinâmicas, ou ao menos deveriam estar, e atravessados por vetores que ajudam a compreender a complexidade da questão. Sem a menor pretensão de sermos exaustivos, citamos as dinâmicas do corpo e dos vínculos afetivos, as dinâmicas simbólicas, as dinâmicas tecnológicas, as dinâmicas

micas colaborativas no cuidado do planeta e, ainda, as dinâmicas acadêmicas.

Em “Cultura do ouvir, vínculos e ambientes comunicacionais”, quinto e último capítulo, apresentamos outras reflexões a respeito da cultura do ouvir e acrescentamos algumas recentes pesquisas, defendidas em forma de tese ou dissertação, que nos ajudam a perceber que os estudos a respeito da cultura do ouvir remetem a uma ecologia da comunicação. Destacamos ainda os objetivos do projeto de pesquisa “Cultura do ouvir, vínculos e ambientes comunicacionais” que os integrantes do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura do Ouvir desenvolverão a partir de 2017.

Agradeço aos leitores e leitoras que chegaram até estas páginas introdutórias e eventualmente terão a paciência para folhear as seguintes e participar de um diálogo que alimente a dúvida. A lista de pessoas a agradecer seria maior do que as páginas destinadas às referências registradas no final do volume. Agradeço a Monica Martinez e Laura Louise por serem as queridas interlocutoras mais próximas. Aos meus pais Hélio e Adalgisa Menezes, bem como às minhas irmãs Rosângela, Julieta, Aldaísa, Raquel e Rita, pelo constante cuidado e carinho. Aos estudantes com os quais compartilho o aprendizado da comunicação. Aos mestres Norval Baitello Jr. e Malena Segura Contrera pelo cuidado com os vínculos e pela atenção a uma ciência feliz. A tantos colegas, com os quais muito aprendo, que cultivam os vínculos e as pesquisas no contexto do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia - Cisc, grupo de pesquisa fundado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 1992. Ao diretor Faculdade Casper Líbero, Prof. Carlos Costa, e aos colegas professores e

professoras da Cásper pelo constante incentivo à criação de um ambiente favorável ao aprendizado dos estudantes e com os estudantes. Aos pesquisadores e pesquisadoras do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura do Ouvir pela dedicação à pesquisa, fruto dos afetos que nos vinculam. Agradeço ainda aos colegas que diariamente dinamizam, com ternura e vigor, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero: Dimas A. Künsch, Roberto Chiachiri, Simonetta Persichetti, Ana Coiro, Luís Mauro Sá Martino, Marcelo Santos de Moraes e Cláudio Coelho. Aos mestres que me ensinaram o amor pelos estudos como uma das formas de melhorar a convivência entre os seres humanos das diversas culturas: Alfiero Ceresoli, Aldo Antolli, Giovanni Murazzo, José Pedro da Silva, Hugo Assmann, Laan Mendes de Barros, Francisco Nunes, Dulcília Buitoni e Walter Lima Jr. Aos interlocutores que nos últimos anos trouxeram novas perguntas: Maurício Ribeiro da Silva, Jorge Miklos, Víctor Silva Echeto, Thomas Bauer, Mauro de Souza Ventura, Mauro Araújo de Sousa, Mateus Yuri Passos e todos os outros cujos nomes estão no coração e/ou nas referências ao final do volume.

Agradeço, finalmente, à Faculdade Cásper Líbero pelo apoio que tornou possível esta publicação.

Capítulo 1

SOM, CORPO E
CULTURA DO OUVIR

*O balé dos olhares e das palavras, sincronizado com
perfeição, utiliza o espaço entre dois corpos.*

Boris Cyrulnik

Na medida em que, na contemporaneidade, a palavra *comunicação* envolve tanto os ambientes marcados por sons, olhares, odores, sabores e gestos, próprios das relações face a face, como também o uso dos aparatos eletrônicos comercializados com forte coação à constante conexão, o estudo da Comunicação continua a despertar nossa admiração e espanto, os mesmos termos usados respectivamente por Platão e Aristóteles para indicar a ignorância que justifica o início da investigação filosófica — ou, no nosso caso, a continuidade da pesquisa em Comunicação.

Nesse caminho marcado por admiração e espanto as investigações a partir do som representam uma das portas de acesso a uma perspectiva processual/sistêmica no estudo da comunicação. Os sons, isto é, as vibrações mecânicas periódicas que permitem a sensação da audição, não repercutem apenas nos órgãos auditivos; envolvem todos os objetos do entorno, todos os corpos e, nesse processo, todo o corpo humano. Tal como, em analogia com o debate ecológico, mesmo sem tomar consciência de que qualquer intervenção na biosfera afeta todo o planeta, ao fechar os ouvidos continuamos envolvidos pelos sons que afetam todo o corpo.

Se, no artigo “Cultura do ouvir: os vínculos sonoros na contemporaneidade, de 2007, depois ampliado e publicado no livro *Comunicação e Cultura do Ouvir* (2012), enfatizávamos a possibilidade de participação em ambientes nos quais os corpos são tocados pelas ondas de outros corpos, depois de nos deixarmos provocar pelas inquietações do comunicólogo espanhol Vicente Romano García (1935-2014) na obra *Ecología de la comunicación* (2004), somos desafiados a dar outros passos na investigação a respeito da “possibilidade de participação em ambientes comunicativos”.

Assim, damos continuidade à investigação do fato de que

na cultura do ouvir somos desafiados a potencializar a capacidade de vibração do corpo diante dos corpos dos outros, a ampliar o leque da sensorialidade para além da visão. Ir além da racionalidade, que tudo quer ver, para participar de ambientes nos quais os corpos possam ser tocados pelas ondas de outros corpos (Menezes, 2012, p. 33).

A atenção à cultura do ouvir permite perceber que estamos enredados em processos comunicativos, participamos de uma teia de vínculos também sonoros, cada vez mais admirados e espantados com o fato de que a perspectiva de participação na comunicação seja mais fecunda e adequada ao estudo dos fenômenos comunicacionais do que a perspectiva de reação de indivíduos às ações de outros desenvolvidas, por exemplo, pelos institutos de pesquisa quando se limitam a análises quantitativas daquilo que chamam de resultados dos negócios da comunicação. Uma abordagem científica mais probabilística e complexa do que apenas funcionalista e determinista, uma postura que não confunde comunicação com conexão.

O ouvido, além de captar sons, isto é, de perceber ondas de compressão e rarefação propagadas através do ar, também é responsável pelo sentido do equilíbrio. O ouvido também é de fundamental importância para o homem perceber a distância entre as coisas, delimitar o espaço, localizar-se nesse intervalo entre coisas e indivíduos (Menezes, 2007, p. 34).

Enquanto o paladar, o olfato e o tato integram os “sentidos da proximidade”, a audição e a visão integram os “sen-

tidos da distância” (Montagu, 1988, p. 19). Essa distinção ajuda a perceber a importância, na contemporaneidade, dos termos *cultura visual* e *cultura do ouvir*, bem como dos problemas gerados pela poluição visual e pela poluição sonora, raízes do padecimento dos olhos cansados ou da surdez: é possível que degustemos muito pouco do que vemos e ouvimos. Ao frisarmos o termo *cultura do ouvir* assumimos o desafio proposto por Kamper quanto a “uma nova época para o ouvir”, isto é, para o cultivo das características do ouvir que, como vimos acima, “requer o tempo do fluxo como tempo do nexo, das conexões, das relações, dos sentidos e do sentir” (Baitello Jr., 2014, p. 145).

MUDANÇA DE HORIZONTE

No livro *Mudança de horizonte: o sol novo a cada dia, nada de novo sob o sol, mas ...* (2016), traduzido do original alemão *Horizontwechsel: Die Sonne neu jeden Tag, nichts Neues unter der Sonne, aber...* (2001) por Danielle Naves de Oliveira, Dietmar Kamper diagnostica os problemas trazidos pelo fato de o conhecimento em grande medida funcionar pelo padrão visual, pela luz valer praticamente como “metáfora da verdade”, termo de Hans Blumenberg, e “pelos elementos da óptica continuarem determinando a evidência de uma relação clara e distinta com o mundo: distância, contorno, identidade, controle do olhar, alvo e, por fim, aniquilação” (Kamper, 2016, p. 112). Nesse contexto, apresenta a mudança de horizonte do *ver* para o *ouvir* frisando que é “preciso mudar do ângulo de vista para o ângulo de escuta. O que não se pode ver, é preciso ouvir” (2016, p. 113). Argumenta que o ouvir parece minar o ruído do excesso das imagens visuais. E ainda questiona:

E o que será feito da linguagem quando o ouvido assumir o comando? Será possível escutar o dissenso enquanto dissenso, como disputa, na qual ambos os lados têm razão, inclusive aquele que nota isso? Não será preciso, mais radicalmente, fazer a virada de horizonte, do olho ao ouvido, para que se ouça o que a fala traz de intangível? (Kamper, 2016, p. 113).

É possível que, ao vislumbrar a necessidade de uma época para o ouvir, Kamper também nos tenha lembrado dos desafios das opiniões que desaguam no lixo linguístico que, especialmente nos meios de comunicação, mas não apenas, entopem as últimas lacunas do mundo homogeneizado.

Visto com exatidão, tornou-se completamente sem sentido manifestar opiniões nas molduras estabelecidas dos meios de comunicação. Todas as opiniões, especialmente as contraditórias, deságuam nas mesmas coisas: nas tautologias que, como lixo linguístico, entopem as últimas lacunas do mundo homogeneizado. Apenas quando se começar a contradizer a si próprio é que se pode prosseguir. Tem-se que aprender a pensar contra o pensamento e a direcionar afirmações contra si mesmo, para que ampliem a fenda que se abre há muito através do sujeito humano. Apenas paradoxos alcançam aproximativamente esta situação. A tentativa de tornar o mundo unívoco pelos signos era e é uma maneira de destruição do mundo (Kamper, 1995, p. 57).

Sabemos que o ouvido, além de acolher os sons, isto é, perceber ondas de compressão e rarefação propagadas através de um ambiente, também é responsável pela localização dos corpos em locais como uma caverna, uma casa ou uma rua. Os sons são ondas de impulsos que se propa-

gam por meio das partículas de um determinado ambiente. Assim, o som atinge toda a pele do *homo sapiens-demens* (Morin, 1979), envolve corpos e objetos, ocupa todas as capilaridades e, ao atingir o ouvido de uma pessoa, faz o tímpano vibrar.

Não é possível escapar das vibrações sonoras da mesma forma como cerramos as pálpebras e fechamos os olhos. Considerando que os sons implicam a materialidade das ondas que nos envolvem, ondas das quais participamos, acrescentando outras ondas, podemos dizer que fisicamente os sons geram um determinado ambiente no qual os envolvidos – corpos e objetos – participam de forma compulsória: geralmente não podem escolher não serem tocados pelos sons.

A audição integra o sistema corporal para a autopercepção, a subjetivação e a sociabilidade, como descreve Christoph Wulf na edição italiana da *Enciclopedia Antropologica*:

Como o sentido do ouvido é retroativo, o locutor ouve a si mesmo. Seu ouvido segue sua fala. Isto o permite de se seguir como locutor, de ser, portanto refletido. Se fizermos abstração da situação ontogenética da qual o ouvido precede a fala – e a torna possível – não se pode decidir se a fala precede o ouvido ou o ouvido à fala. Quando uma palavra endereçada a um outro homem é percebida, torna-se para o locutor e para o ouvinte o ponto de partida para outras palavras e assim por diante. Esta particularidade do sentido do ouvido permite uma *percepção de si* pelo homem. Ouvir a respiração, o movimento e a digestão do próprio corpo permite não apenas uma percepção de si elementar e uma *confirmação de si*, mas também um processo de afetação de si. Isto se manifesta já nos métodos vegetativos, e é particularmente efi-

caz na fala. Falar é também se falar. É desta forma que o sentido do ouvido tem um papel particular na constituição da subjetividade e da sociabilidade (Wulf, 2002, p. 463).

Da mesma forma como as vibrações sonoras ocupam ambientes no sentido físico do termo, podemos dizer que também geram ambientes comunicacionais nos quais é impossível não participar. Assim, sons ou vibrações favorecem um ambiente no qual os corpos envolvidos são afetados praticamente sem escolha, participam de forma mais ou menos profunda dos ambientes comunicacionais. Geram, desse modo, ambientes de afetividade que facilitam o cultivo dos vínculos.

A dinâmica envolvente da materialidade dos sons cria ambientes nos quais os participantes ou protagonistas atuam, extrapolando as perspectivas comunicacionais por muito tempo estudadas como estímulos e respostas. Permite passos para uma ciência da comunicação probabilística e complexa que vai além de uma perspectiva científica funcionalista e determinista.

Aqui é importante frisar que utilizamos o termo *corpo* como um alinhamento dos processos filogenéticos (desenvolvimento da espécie) e ontogenéticos (desenvolvimento de cada indivíduo), a complexidade biológica e a complexidade cultural. Entendemos, como afirma Maurício Ribeiro da Silva, que “no contexto da comunicação, o estabelecimento de vínculos em lugar de conexões, de trocas simbólicas em lugar de contatos e o estabelecimento da imaginação aliada à recuperação do corpo, enquanto entidade autônoma parece ser o caminho para a contribuição da área” (Silva, 2012, p. 146) para o estudo da comunicação na contemporaneidade (Menezes, 2015).

Assim, frisamos que os sons ou vibrações do entorno permitem a localização de uma pessoa nos ambientes cotidianos. O universo sonoro possibilita a observação do espaço no sentido físico do termo; sons e vibrações favorecem um espaço de interlocução no qual os corpos envolvidos são afetados quando opcionalmente ou mesmo sem escolher, participam de forma mais ou menos envolvente dos processos comunicativos.

O fato das vibrações envolverem todo o corpo, como sabemos, pode nos ajudar a aprofundar o desafio proposto por Harry Pross quando trouxe para o âmbito das ciências da comunicação o tema que Viktor von Weizsäcker (1886-1957), seu professor, investigava no campo da psicossomática: toda comunicação começa no corpo e nele termina. Nesse caminho, Baitello Jr. nos lembra que “banir o tema da corporeidade em sua imensa complexidade e em sua demanda por multidisciplinaridade significa, simplesmente, amputar o ponto de partida e o ponto de chegada de todo o processo chamado comunicação” (2013, p. 60).

Da mesma forma que som implica em repercussão, podemos dizer que as relações entre os corpos se constituem e permanecem especialmente de forma sonora. Considerando que som implica a materialidade das ondas que nos envolvem, ondas das quais participamos acrescentando outras ondas, podemos dizer que fisicamente o som pede som e também relacionar essa observação com um princípio da comunicação primária estudado por Baitello Jr., no contexto dos primeiros contatos do corpo do recém-nascido com o corpo dos primeiros cuidadores:

Nessa situação é que se evidencia o princípio da comunicação primária: corpo pede corpo. Não é

de imagem (visual, acústica ou olfativa) que o corpo do bebê necessita, é de materialidade, contato físico provedor do alimento e da proteção, do calor e do aconchego. Aí nasce toda e qualquer linguagem, a partir do ritmo dado pelo movimento entre carência (fome ou desconforto, frio ou dor) e saciedade (amamentação e aconchego). O corpo do bebê, quando tem fome ou frio, pede o corpo da mãe. Somente a partir desse momento primordial de interação é que se desenvolvem outros sistemas de representação simbólica abstratos, como as linguagens (Baitello Jr., 2012, p. 106).

Propor que um dos caminhos do estudo da comunicação passe pelo corpo e pelos sons que o envolvem implica a possibilidade de irmos além das metáforas deterministas. Aprofundarmos a possibilidade de pensarmos que toda comunicação começa no corpo implica a possibilidade de vermos como o corpo se derrama, tal como a água ocupa espaços, pelas diferentes capilaridades da comunicação, como veremos a seguir. Observarmos como o corpo pede corpo nos permite considerar, como veremos abaixo, a forma como o corpo está presente nos meios secundários e terciários, conforme a terminologia de Pross.

COMUNICAÇÃO E PERTENCIMENTO

Os sistemas de interação simbólica permitem que os indivíduos, a partir do corpo, vivenciem experiências fundamentais como o pertencimento, conforme as palavras do etólogo francês Boris Cyrulnik problematizadas por Malena Contrera no texto *Simpatia e empatia – Mediosfera e Noosfera* (2014, p. 141-150), apresentado no simpósio *Emoção e Imaginação*, realizado na unidade Vila Mariana do SESC – Serviço Social do Comércio, em 2011, em São Paulo:

O indivíduo é um objeto ao mesmo tempo indivisível e poroso, suficientemente estável para ser o mesmo quando o biótipo varia e suficientemente poroso para se deixar penetrar a ponto de se tornar ele mesmo um bocado de meio ambiente. De todos os organismos, o ser humano é, provavelmente, o mais dotado para a comunicação porosa (física, sensorial e verbal), que estrutura o vazio entre dois parceiros e constitui a biologia do ligante (Cyrulnik, 1999, p. 92).

O etólogo insiste que não pertencer a ninguém é não se tornar ninguém. Trata-se de um pertencimento biológico e, de forma conexas e recursiva, de um pertencimento cultural. Nesse contexto, também enfatiza a noção de resiliência, oriunda da física, que se refere à capacidade psicológica “manifestada por seres humanos, em situação de estresse – inclusive em casos extremos –, de acumular energia para, por meio dela, superar os desafios e traumas do cotidiano, sem que haja cisão, isto é, ruptura psíquica” (Menezes;Martinez, 2014, p. 269).

O pertencimento ainda implica as relações entre os que estão dentro e os que estão fora de determinados grupos, os estabelecidos e os outsiders, para usarmos os termos propostos por Norbert Elias (Elias;Scotson, 2000). Por sua vez, o etólogo Eibl-Eibesdelft também analisou as mesmas questões do pertencimento a grupos e das tensões entre amor e ódio:

Em geral esses grupos são fechados, vale dizer: os membros do grupo se conhecem entre si e negam a entrada aos estranhos. A tendência a guardar distância atua contrariamente ao impulso de buscar os seus iguais e a travar um laço de amizade.

Também o homem vive nesse campo de tensões entre o amor e o ódio, onde o impulso para travar conhecimento com seus semelhantes e a estabelecer relações amistosas é tão forte que mesmo na guerra as partes beligerantes se intercambiam às vezes cigarros e param de atirar uns nos outros (Eilb-Eibesfeldt, 1973, p. 175).

Quando mapeia a comunicação humana em três grandes grupos Harry Pross (1923-2010), jornalista, redator-chefe da Rádio Bremen (1963-1968) e depois professor da Universidade Livre de Berlim, apresenta as noções de meios primários, meios secundários e meios terciários no seu livro *Investigação dos Media (Medienuntersuchung)*, publicado em 1972. Os meios primários são criados pelo próprio corpo (gestos, odores, sons...) sem necessidade de outros aparatos; os meios secundários surgem quando um corpo usa um suporte para se comunicar com outro corpo, como nas pinturas rupestres e nos impressos, e os meios terciários passam a existir quando os corpos envolvidos no processo comunicativo utilizam aparatos eletrônicos. Nesse contexto, os sons trocados diretamente entre os corpos ou através de aparatos eletrônicos explicitam espaços e ritmos que permitem a complexa sincronização de um tempo comum nas pequenas e grandes sociedades (Menezes, 2007).

Ainda estamos no início das pesquisas empíricas que relacionam as possibilidades de vinculação, encontro e desencontro, abraço ou agressão, solidariedade ou violência que permeiam os processos comunicativos quando estes se derramam entre meios primários, secundários e terciários – tal como acontece, por exemplo, nas relações entre jovens que durante ou após as aulas presenciais continuam trocando sinais usando aplicativos de mensagens multipla-

taformas disponíveis “gratuitamente” nos celulares; continuam expressando os afetos próprios dos meios primários utilizando também os meios terciários.

É possível que a complementariedade entre os meios primários, secundários e terciários, detalhada no livro *Rádio e Cidade – Vinculos Sonoros* (Menezes, 2007) e a referência de todos eles ao corpo possibilitem fecundos desenvolvimentos nas pesquisas contemporâneas em comunicação. Ou ainda nos levem, no futuro, a perceber que os ambientes comunicacionais proporcionam algo similar à sensação de um colo acolhedor de nossas carências comunicacionais ou “déficits emocionais” (Wyss, 1976), para usarmos o termo do psicoterapeuta etíope Dieter Wyss (1923-1994). Aqui usamos o termo “colo” como metáfora do vocábulo “colo” empregado para designar o aconchego próprio do espaço formado pelo abdome e as coxas quando o corpo está sentado. Um desafio para nossos estudos: comunicação como colo, espaço onde os seres humanos, bebês ou já adultos, se debatem, se acalmam, pulam, gritam, choram, esperneiam e também podem se sentir tranquilos, envolvidos e protegidos. Caminhos que nos levam a buscar as raízes da noção de Ecologia da Comunicação.

Capítulo 2

ECOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

Se o som gerado pelas cordas vocais para criar a rede vibratória do universo tem a faculdade de sintonização total é porque ele nos une à sinfonia cósmica.

Joachim-Ernst Berendt

Os estudos de comunicação a partir da perspectiva ecológica frisam especialmente a dinâmica ecossistêmica dos processos comunicacionais nos quais estamos envolvidos. Por isso a ênfase no termo grego *oikos*, “ambiente habitado” ou “casa”, somado a *logos* no sentido de razão ou estudo, utilizado pelo biólogo Ernst Heinrich Haeckel (1834-1919) na criação, em 1866, da palavra alemã *Ökologie* para denominar a ciência que estuda as relações entre os seres vivos e o meio ambiente.

Nesse contexto, falamos de um ambiente comunicacional mesmo sabendo que, na contemporaneidade, esse ambiente é dominado por um conjunto de repetições das mesmas imagens, palavras ou ideias em forma de eco que favorecem as lembranças superficiais, conforme enfatizou Norval Baitello Jr. quando alertou para o fato de que, muitas vezes, temos “eco-logia em lugar de ecologia; ecos em vez de *oikos*”:

Se isso de fato ocorre, então não faz sentido qualquer tentativa de ecologia, pois já não pode haver mais qualquer “*oikos*”, qualquer preocupação com o ecossistema ambiental ou comunicacional será supérflua, pois a sociedade da imagem é regida pela infeliz ninfa Eco, rejeitada por Narciso, que apenas repete o que ouve, mas tão somente as últimas sílabas, os últimos sons (Baitello Jr., 2014, p. 72).

Da mesma forma que todos os seres vivos sobrevivem e se reproduzem quando interagem com o meio ambiente de forma autossustentável, os seres humanos necessitam de ambientes autossustentáveis para cultivar os gestos, sons, odores, sabores, tatilidades e movimentos que marcam os processos de comunicação. Atentos a essa questão, da

mesma forma que cidadãos das mais diversas regiões do planeta contemporaneamente estão sendo desafiados, no contexto dos movimentos ecológicos, a pensar o futuro da mãe Terra, ou Terra Pátria – para usarmos o termo proposto por Edgar Morin – faz-se necessária uma *ecologia da comunicação*. É o que aprendemos com Vicente Romano.

○ BIOTEMPO E O TEMPO DOS RELÓGIOS

Em *Ecología de la Comunicación*, o comunicólogo espanhol Vicente Romano problematiza as consequências ecológicas da colonização do biotempo dos seres humanos pela onipresença, durante as 24 horas do dia, dos aparelhos eletrônicos de comunicação. Diagnostica que estamos diante de uma crise ecológica e propõe uma ecologia da comunicação com o objetivo de se adaptar as tecnologias da informação já disponíveis às condições e possibilidades da comunicação primária, do contato humano elementar e direto. Assim, questiona os efeitos do uso de equipamentos quando estes, na sua leitura, predominam sobre os contatos presenciais e propõe que as tecnologias, em particular as que privilegiam as telas, devam ser adaptadas às possibilidades do corpo humano e aos valores ecocomunicacionais. Recorda que em “seu sentido original de *oikos*, casa, lar, lugar de refugio, segurança, bem-estar etc., a ecologia da comunicação pretende averiguar até que ponto a comunicação pode criar comunidades nas quais o mundo apareça como um meio adequado no qual o ser humano sinta-se à vontade” (Romano, 2004, p. 149).

Como humanista, aposta na possibilidade de se construir uma ponte entre comunicologia e ecologia humana; insiste na necessidade de se “aprender a prever não só os

efeitos materiais, mas também os espirituais e sociais das extensões tecnológicas”; enfatiza que “criticar os efeitos negativos não significa ser um apocalíptico no sentido depreciativo ou pejorativo que se costuma aplicar este termo de Umberto Eco”. Como um pensador de formação humanista preocupado em não separar reflexão e ação, propõe que os “seres humanos tomem consciência e assumam suas responsabilidades diante do seu ambiente comunicacional” (2004, p. 148 -149).

Depois de convidar o leitor a considerar as características de um paradigma ecológico para as pesquisas em Comunicação, em *La Comunicación Primaria*, segunda parte do livro *Ecología de la Comunicación*, Romano apresenta ao leitor um banquete de contribuições de autores que permitem perceber que os processos de comunicação requerem a participação de todos os sentidos. Podemos dizer que o autor estuda a comunicação primária dos corpos envolvidos nos processos de comunicação, com toda riqueza dos gestos construídos culturalmente, como uma possibilidade de pesquisar como homens e mulheres concretos participam de um paradigma ecológico da comunicação. Assim, descreve as potencialidades dos estudos da comunicação a partir do corpo e do conjunto dos sentidos: o tato, o olfato, o gosto, o ouvido e a visão.

Nas últimas páginas do livro, Vicente Romano reúne pistas e perspectivas para uma ética da solidariedade e frisa novamente sua formação humanista ao reforçar que a conquista da liberdade é uma tarefa coletiva, solidária, que não pode simplesmente ser baixada de um portal eletrônico ou empresa ponto com. Sua postura está ancorada, entre outros, nos estudos de Barbara Mettler von Meibom e

seus colaboradores do Instituto de Ecologia da Informação e da Comunicação, centro de pesquisas fundado em 1989 em Duisburg, na Alemanha.

No Brasil, o acesso às inquietações de Vicente Romano se deu quando Norval Baitello Jr., que o conhecera nos grupos de estudo organizados por Harry Pross na Universidade Livre de Berlim, o convidou para dialogar com os pesquisadores brasileiros. Em uma de suas várias viagens ao Brasil, em maio de 2007, Romano ministrou um curso no qual comparou a ordem natural do tempo biológico com o tempo dos relógios. Na ocasião, convidou os interlocutores a somar as horas ou minutos que dedicavam à interação com os familiares e amigos, às refeições, ao sono, ao lazer, ao transporte, ao trabalho, ao estudo, à informação e/ou entretenimento eletrônicos e outras atividades. Ao final constatou que tanto os mais jovens como os adultos já envolvidos no mercado de trabalho de fato simulavam viver muito mais do que as 24 horas diárias marcadas pelos ritmos do corpo e do planeta. Assim, estimulava o debate a respeito da tendência, em especial no contexto ocidental, da homogeneização de uma forma cultural na qual os indivíduos têm suas possibilidades concretas de biotempo pressionadas pela convivência com aparelhos eletrônicos que insistem em ficar sempre ligados.

De forma muito atenciosa, quando caminhava pela cidade de São Paulo Romano contemplava, por exemplo, os grandes painéis de propaganda que na época ocupavam paredes inteiras de alguns edifícios e perguntava como os motoristas que trafegavam pelo Elevado Costa e Silva, o chamado Minhocão, não se distraíam diante de tantas imagens cheias de apelos. Por outro lado, não perdia

a oportunidade de perguntar onde ficaram os bancos da Praça Marechal Deodoro, no bairro Santa Cecília, considerando que na falta de bancos as pessoas apenas transitavam rapidamente pelo espaço e pouco podiam experimentar das vivências de um local chamado “praça” justamente para permitir o encontro e a conversa própria dos espaços públicos.

O termo *ecologia da comunicação* também foi utilizado por Abraham Moles em 1975 no XV Congresso da *Association des Sociétés de Philosophie de Langue Française*. Seu texto *Le Mur de la Communication*, traduzido para o espanhol como *El muro de la comunicación*, integra o volume *Sociologia de la comunicación de masas* (1982) organizado por Miquel de Moragas. Preocupado com o risco de a palavra *comunicação* tornar-se trivial ou seguir o mesmo destino da palavra *cibernética*, prudentemente substituída por “Teoria Geral dos Sistemas” pelos cientistas, propõe uma definição do termo:

Nós definiremos a comunicação como a ação de participação de um organismo ou um sistema situado em um dado ponto R nas experiências (*Erfahrungen*) e estímulos do entorno de outro indivíduo ou sistema situado em outro lugar e em outra época, utilizando os elementos de conhecimento que tem em comum (Moles, 1982, p. 121).

Nesse contexto, considerando que a palavra *comunicação* tem como raiz a ideia de colocar em comum, lembra que “não há obrigatoriamente comunidade se as pessoas tem algo em comum, porém a comunidade só se manifesta a partir de atos visíveis, atos de comunicação, reveladores necessários da existência de elementos comuns entre os se-

res” (p. 121). Destacando que a organização da sociedade é objeto da sociologia e que a organização do entorno do indivíduo e de suas reações objeto da psicologia, propõe uma nova ciência:

Propõe-se uma nova ciência, a ecologia da comunicação. A ecologia é a ciência da interação entre as diferentes espécies no interior de um dado domínio; as ‘espécies’ que aqui nos interessam são as espécies de comunicação, próximas ou distantes, fugazes ou gravadas, táteis ou auditivas, pessoais ou anônimas, que reagem efetivamente uma sobre a outra no espaço fechado das vinte e quatro horas da cotidianidade ou no espaço social do planeta (Tradução nossa. Moles, 1982, p. 125).

O caminho trilhado por Abraham Moles pode ajudar a problematizar o termo *ecologia da comunicação* por considerar imbricações entre a comunicação presencial e a comunicação eletrônica. Na perspectiva de Moles a ecologia da comunicação, uma nova disciplina em construção, deveria contemplar dois ramos distintos. O primeiro seria relativo à interação das modalidades de comunicação e de sua percepção no domínio do ser individual na esfera temporal e espacial. O segundo ramo estaria relacionado à organização dos sistemas de transação entre os seres por meio dos canais de telecomunicação.

Mesmo trabalhando no campo da Teoria da Informação e preocupado com os custos das transações informacionais, Moles levanta uma questão significativa: a interação entre telepresença e presença. Reconhece a importância da proxêmica, o estudo do espaço entre os indivíduos na convivência social, como “ciência dos fenômenos em que, em igualdade de circunstâncias, a importância diminui quan-

do aumenta sua distância ao indivíduo” (Moles, 1982, p. 126). Concebe a proxêmica de forma um pouco diferente do antropólogo estadunidense Edward Hall que distinguia, no contexto de sua cultura, quatro níveis proxêmicos: a distância íntima do contato físico e da amizade, a distância pessoal ou privada (entre os 45 e 120 centímetros), a distância social ou das relações sociais (entre 120 e 360 cm) e a distância pública, reservada às pessoas públicas e líderes de opinião (a partir de 360 cm) (Menezes, 2007, p. 26).

De nossa parte, frisamos os termos *corpo* e *comunicação* na ecologia da comunicação para a distinguirmos de outro campo de estudos denominado *Media Ecology*. Focamos a atenção no corpo presente na comunicação face a face e também na conexão com o uso de telas e fones dos telefones inteligentes (smartphones), por exemplo, para não limitarmos nosso foco nos *media* conforme abordados nas pesquisas que possibilitaram, nos Estados Unidos, a criação da *Media Ecology Association* em 2000.

Entre as trilhas acima percorridas nos preocupamos tanto com uma ecologia da comunicação que nos falta, frisando a importância da possível redução da comunicação presencial num momento em que, em termos mercadológicos, somos quase seduzidos ou coagidos a manter a conexão eletrônica (Romano, 2004), como para a possibilidade do uso da metáfora de ecologia para a comunicação que de fato temos, sem deixarmos de considerar que esses processos são marcados por ambiguidades e incomunicações. Percebemos a “tensão entre trocas de dados informacionais e/ou vinculações comunicativas, por conexões que nem sempre estão abertas à comunicação, pela simples troca de informações ou por densas trocas de afetividades, pela possível

mistura do pragmático/funcional termo *informação* com a complexidade de matrizes afetivas dos termos *vinculação e ambientes comunicacionais*” (Menezes, 2013, p.62).

Nesse sentido, conforme exploramos no texto *Ecologia da comunicação: a cultura como um macrossistema comunicativo* (Menezes, 2015), lembramos as relações entre o compartilhamento de informações por redes sociais digitalmente conectadas e os densos ambientes comunicacionais experimentados pelos participantes, por exemplo, das mobilizações urbanas de junho de 2013, em São Paulo e muitas cidades brasileiras. Seria possível pensarmos em uma ecologia da comunicação no sentido de que as experiências comunicativas se esparramaram pelas porosidades entre corpos e equipamentos, entre a casa e a rua, entre os corpos que caminharam ou interagiram antes e depois dos equipamentos (Menezes, 2013, p. 62)? Isso devido ao fato de que as mulheres e os homens mobilizados estavam envolvidos tanto em suas redes de convivência cotidianas como também nas redes digitais conectadas que permeiam o mesmo cotidiano, entre as redes acessadas das casas ou das ruas antes, durante e depois das manifestações, entre os corpos que caminharam e/ou interagiram.

A mesma vivência humana também pode ser observada quando várias pessoas de uma família, utilizando o software de conversação por voz e vídeo Skype, olham para a tela de um computador na qual veem a imagem de uma pessoa querida. Interagem com tanta emoção que praticamente quase não notam que estão usando equipamentos para observar os gestos e palavras de um filho ou filha que reside em outro país. Nesse caso, temos indícios de que as experiências comunicativas pró-

prias dos corpos das pessoas vinculadas se derramam pelas porosidades dos equipamentos.

Nossa investigação a respeito das experiências comunicativas que se esparramaram pelas porosidades entre corpos e equipamentos são inspiradas na noção de capilaridade da comunicação proposta por Norval Baitello Jr. no texto *As capilaridades da comunicação*, um dos capítulos do livro *A serpente, a maçã e o holograma – Esboços para uma Teoria da Mídia* (Baitello Jr., 2010, p. 103-113).

Para o pesquisador, cada tipo de capilaridade permite a construção um tipo de ambiente comunicacional, da mesma forma que processos de irrigação permitem o cultivo de uma lavoura ou a vascularização sanguínea possibilita a vida do corpo. Assim, como proposta de investigação em desenvolvimento, descreve quatro tipos de capilaridades: a capilaridade da comunicação presencial, a capilaridade alfabética, a capilaridade elétrica e a capilaridade eólica.

A primeira designa o corpo como base de toda comunicação marcada pela magia da presença. A segunda implica a capacidade de penetração do mundo e das percepções veiculadas pela escrita alfabética, pelo tempo lento da escrita e da leitura, pela ampliação do raio natural de atuação do corpo por meio, por exemplo, de cartas ou jornais. A terceira indica todo o conjunto de impulsos elétricos para transmissão imediata da voz e da imagem inaugurando novas relações de espaço e tempo; o cultivo da ilusão de uma proximidade do mundo com o mundo privado do usuário e ainda o fato de que os aparelhos podem ser ligados ou desligados nos aparatos convencionais. A quarta capilaridade indica um universo no qual as casas se tornam esburacadas e permeáveis pelos ventos da mí-

dia. Assim, “aperfeiçoa a permeabilidade do homem aos poderes da mídia terciária que, com o aperfeiçoamento de seus aparatos elétricos que não se desligam nunca e de suas linguagens cada vez mais rarefeitas, instaura uma capilaridade eólica, como o vento que entra por todas as frestas e buracos permanentemente” (Baitello Jr., 2010, p. 113). O autor ainda frisa que, se nos ambientes criados pela capilaridade elétrica os aparelhos convencionais podem ser ligados e desligados, no quadro da capilaridade eólica fica evidente a tendência a se suprimir a tecla *off*.

AS CAPILARIDADES DA COMUNICAÇÃO

A título de contribuir para a continuidade dessa reflexão apresentamos um exemplo de como as experiências comunicativas se esparramaram pelas porosidades entre corpos e equipamentos ou, para continuarmos usando os termos acima, como alguns processos comunicativos ocupam as diferentes capilaridades.

O exemplo consta da monografia *Metzontla, Los Reyes. A paisagem sonora como documentário*, elaborada pelo radialista, radioartista e *sound designer* Julio de Paula quando diretor de programas das rádios Cultura FM e Cultura Brasil, da Fundação Padre Anchieta, em São Paulo. Curiosamente, a nota introdutória da monografia alerta:

Caro ouvinte, antes de mais nada, venho advertir que este é um trabalho para se escutar. Trata-se da edição do documentário sonoro *Metzontla, Los Reyes*, gravado numa pequena comunidade rural mexicana, no início de 2013. A realização deste projeto, bem como seus antecedentes, se dá à luz das reflexões contidas neste relato. Mas embora as palavras sejam fundamentais para o dia-

-a-dia radiofônico também venho informar que este é um documentário sem palavras. A sonoridade da festa é seu conteúdo (De Paula, 2014).

Em termos de capilaridade da comunicação presencial podemos dizer que, ao realizar o documentário sonoro, Julio de Paula foi seduzido pela magia daquele momento, experimentou a magia da captura própria do fato de participar, no dia 6 de janeiro de 2013, de uma festa em um ambiente pleno de sons e expressões de alegria, movimentos, gestos e símbolos expressos pelas pessoas que festejavam o Dia de Reis na pequena comunidade rural Los Reyes Metzontla, localizada em Zapotitlán Salinas, Puebla, México.

A capilaridade alfabética foi ocupada pelo registro escrito próprio de quem quer compartilhar vivências marcantes e profundas, experiências que envolvem, de forma sinestésica, o tato, o paladar, a audição, o gosto e a visão. Assim, as anotações realizadas naquele dia foram posteriormente incluídas no roteiro do documentário e na monografia que o descreveu.

As paisagens sonoras se derramaram pelas capilaridades elétricas quando os sons foram captados por um gravador e ouvidos por qualquer pessoa com acesso à gravação ou ainda por aquelas que tiveram acesso ao documentário por uma emissora de rádio.

Enfim, pela capilaridade eólica, tal como o vento, que sempre ocupa as frestas e buracos, os sons podem ser acessados em qualquer horário e local por meio, entre outros, da plataforma de áudio *SoundCloud*, disponível na forma de aplicativo móvel ou website acessível pela internet. A plataforma permite que músicos e outros produtores de

som façam o upload, gravem, promovam e compartilhem seus sons criados originalmente.

Ao ouvirmos o documentário, nem sempre nos lembraremos das relações sistêmicas entre a vivência comunicativa experimentada pelo radioartista na capilaridade da comunicação presencial e o fato de podermos acessar essa riqueza sonora em um *smartphone* no aconchego de nossas casas ou em uma movimentada avenida. Ouvindo o documentário, nós podemos reviver parte da experiência do radioartista; ele por sua vez possivelmente reviverá um conjunto de emoções próprias de quem foi capturado pela magia da festa. A essa relação processual/sistêmica entre os densos ambientes comunicacionais e a recriação pelo menos de parte desses ambientes quando a eles temos acesso por equipamentos eletrônicos, considerando possíveis porosidades entre corpos e equipamentos, também podemos atribuir o nome de *ecologia da comunicação*.

Os estudos dos fenômenos humanos sob o viés comunicacional são marcados por vetores das mais diversas ciências. Ao nos depararmos com o desafio de compreendermos os fenômenos, recorreremos a diferentes formas de estudos como, entre outros, filosofia, sociologia, antropologia, arqueologia, biologia, cibernética, psicologia, administração, física e, mais recentemente, a ciência cognitiva. Diferentes metodologias próprias de cada campo do conhecimento atravessam como um raio o chamado campo da comunicação, iluminam alguns aspectos e escondem outros. Nossos conhecimentos, mesmo que potencialmente abertos à interdisciplinaridade, correm o risco de se fecharem em caixas que dialogam apenas com caixas semelhantes.

Cientes dos desafios acima propostos e buscando o apoio de outras ciências no estudo da comunicação, recuperamos dois exemplos de fenômenos comunicacionais que podem ser observados em locais geograficamente distantes da região metropolitana de São Paulo. Uma viagem para contemplar as pinturas rupestres do Parque Nacional da Serra da Capivara, nos municípios de São Raimundo Nonato, João Costa, Brejo do Piauí e Coronel José Dias, no estado do Piauí, no nordeste brasileiro, ou para se ouvir os cantos das mulheres e meninas dos Pigmeus Baka nos rios da República dos Camarões, na região ocidental da África Central, exige algum planejamento prévio e um razoável investimento de tempo e dinheiro. Por outro lado, os registros imagéticos e/ou sonoros dos dois locais estão disponíveis em sítios específicos da internet e/ou compartilhados nos ambientes das redes sociais conectadas por quem tenha condições de acessar o universo digital.

A investigação das relações entre a observação presencial dos dois fenômenos comunicacionais e a observação dos mesmos em ambientes digitais pode ser trilhada, entre outras possibilidades ou vetores da ciência, pelo uso do termo *ecologia da comunicação* como metáfora sistêmica para o estudo dos fenômenos comunicacionais. Fenômenos que transitam entre pedras, rios e circuitos de silício.

Caminhar ao lado das pedras que registram grafos pré-históricos no Parque Nacional da Serra da Capivara é uma experiência contemporânea que abre a possibilidade de se imaginar quais povos ocuparam o local no passado. Uma experiência tridimensional que permite o contato com pedras que apresentam registros de grafos bidimensionais.

A partir de uma experiência concreta, com altura e largura, homens e mulheres pré-históricos registraram um conjunto de grafos que hoje são estudados pelos arqueólogos, como a socióloga francesa Anne-Marie Pessis, e classificados em relação a diferentes tradições. Pessis classifica três tradições entre os grafos da Serra da Capivara: Tradição Nordeste, datada de 12 a 6 mil anos AP (antes do presente); Tradição Agreste, datada de 10,5 a 3 mil anos AP, e Tradição Geométrica, datada de 2 mil anos.

Curiosamente, quando hoje observadas, as três tradições estão registradas, muitas vezes, nos mesmos locais. O trabalho dos arqueólogos consiste justamente em identificar características de diferentes tradições em traçados frequentemente inscritos em uma mesma parede de pedra. Quanto à tradição Nordeste, em texto publicado em parceria com Monica Martinez, recordamos:

Devido à falta de registros escritos sobre os códigos culturais então vigentes e de descendentes dos povos pré-históricos — os Kenpéi-yê, o povo da Pedra Bonita, não é possível se proceder à interpretação dos significados dessa linguagem pré-histórica, embora parte dos grafismos seja visivelmente reconhecível. É que boa parte da tradição Nordeste se caracteriza por atos cotidianos e rituais. Contudo, têm-se os símbolos, mas não se dispõe da chave para decodificá-los, apenas a suposição do que significam, com base em analogias fundamentadas em outras culturas contemporâneas ou antigas (Menezes; Martinez, 2009, p.108).

No período de 10,5 a 3 mil anos AP, temos a chamada tradição Agreste. “Há 10,5 mil anos, portanto concomitante à tradição Nordeste, aparece, de forma periférica, a

tradição Agreste, que se torna dominante com o desaparecimento dos povos do estilo anterior” (Menezes; Martinez, 2009, p.108). Nessa tradição, predominam grafismos reconhecíveis, estáticos, de formato menos elaborado, que evidenciam mais humanos do que animais.

A terceira tradição, conhecida como Tradição Geométrica, datada de dois mil anos atrás, se caracteriza por grafismos e figuras humanas muito esquematizadas, evocando mãos e pés, bem como répteis simples. São narrativas menos sofisticadas, se comparadas aos desenhos da tradição Nordeste. Ainda que grafadas de forma bidimensional, registram indícios do caminho para o plano nulodimensional, portanto, o máximo de abstração dentre a amostragem do Parque Nacional Serra da Capivara (Menezes, Martinez, 2009).

A sobreposição de pinturas no mesmo espaço indica que diferentes grupos, com diferentes formas de expressão visual, habitaram ou deixaram a região em diversas épocas. Tal constatação nos leva a observar que nessas pinturas rupestres temos traços que expressam em dimensões bidimensionais algumas experiências vividas de forma tridimensional, como no caso do registro de cenas de dança. Ou ainda observar que na tradição Geométrica temos traços muito mais simples, isto é, mais próximos de linhas com uma única dimensão.

Como o acesso ao universo das três tradições, hoje, também se dá por meio das telas de dispositivos conectados aos hipertextos dos estudiosos das pinturas rupestres, retomaremos estas observações quando, logo abaixo, tratamos do modelo fenomenológico da história da cultura ou, como é mais conhecida, da *escalada da abstração* estudada por Vilém Flusser, autor que apresentaremos em seguida.

O acesso aos cenários dos grafos registrados em pedras é possível por meio dos circuitos eletrônicos constituídos por transistores que contêm o silex, termo latino para silício, que significa pedra (Dall’Bello, 2002).

Deixando a Serra da Capivara, passamos das paredes de pedra do Piauí aos rios da República dos Camarões para descrevermos, tal como temos acesso por meio das redes digitais conectadas, as performances dos Pigmeus Baka.

Os cantos dos Pigmeus Baka estão registrados no blog *Música Discreta*, nome de um programa dedicado à música experimental e à radioarte, apresentado por Roberto D’Ugo na Rádio Cultura, em São Paulo, de fevereiro de 1997 a janeiro de 2006. O apresentador, conforme mostramos no texto *Cultura do Ouvir: das pinturas rupestres aos audiocasts* (Menezes, 2012), registra que o som dos Tambores de Água dos Pigmeus Baka foram gravados pelo etnomusicólogo e compositor italiano Mauro Luis Devin Campagnoli. O etnomusicólogo literalmente se encharcou de água para registrar os sons, as vibrações que envolviam o seu corpo e os corpos das mulheres e meninas que cantavam e utilizavam a água do rio como suporte para percussão. Nas palavras de D’Ugo, brincando na água, os pigmeus vivenciam um jogo entre o melódico e o rítmico composto de polifonias vocais e polirritmias:

Para os Pigmeus Baka, que habitam as florestas tropicais de Camarões, do Gabão e do Congo, a música é sinônimo de vida. Ela está presente em quase todas as ocasiões, dos rituais de cura aos de iniciação, das canções de caça aos jogos coletivos, do nascimento à morte. O dia-a-dia dessas pessoas é sempre acompanhado por eventos e atitudes musicais. Uma das manifestações artísticas

mais fascinantes dos Pigmeus Baka (Camarões) é o Tambor d'Água. Um jogo em que mulheres e meninas literalmente tocam o rio. Elas entram no rio até a cintura, e batem com as mãos na superfície da água. Cada uma delas toca um padrão rítmico diferente. Juntos eles formam uma textura sincopada e mais complexa (D'Ugo apud Menezes, 2012).

Ao ouvirmos os Tambores d'Água observamos o trânsito sonoro, a passagem, a relação entre o som no ambiente natural, com todas as suas dimensões, e o som, ainda que limitado, codificado digitalmente e acessível pelos dispositivos contemporâneos. Observando que o som codificado nas florestas africanas praticamente reverbera novamente ao redor dos corpos de quem se dispõe a ouvir a decodificação feita por computadores ou outros *gadgets* em rede, podemos observar a possibilidade de utilizarmos a metáfora *ecologia da comunicação* para descrevermos essa experiência.

A observação dos dois fenômenos comunicativos nos leva a buscar uma terminologia para se compreender os processos de comunicação nos quais estamos envolvidos, considerando que participamos da comunicação e não podemos nos limitar a pensar que tomamos a iniciativa ou apenas respondemos a provocações comunicativas dos interlocutores. Desde os estudos do antropólogo estadunidense Ray Birdwhistell (1918-1994) sabemos que a metáfora linear de emissão e recepção, amplamente divulgada por descrever de forma simples e didática as atividades das emissoras de rádio e televisão no século XX, pode não dar conta de algo mais complexo: participamos da comunicação. Em suas palavras:

Um indivíduo não comunica, ele participa de uma comunicação ou se torna um elemento dela. Pode mover-se, fazer barulho..., mas não comunica. Em outras palavras, ele não é o autor da comunicação, ele participa dela. A comunicação como sistema não deve, portanto, ser entendida segundo o modelo elementar da ação e da reação, por mais complexo que seja o seu enunciado (Birdwhistell apud Winkin, 1998, p. 80).

Atuamos em uma orquestra comunicativa marcada, como vimos acima, por comunicação e incomunicação, por afetos e desafetos, por vínculos fortes e fracos, por ambientes quentes de comunicação, como uma caminhada entre as pedras do Piauí ou a imersão nos rios de Camarões, ou então por ambientes que, mesmo de forma precária, de alguma maneira são recriados quando acessamos essas experiências com pedras e cantos à margem dos rios em nossos equipamentos eletrônicos.

Pelo fato de na comunicação utilizarmos códigos temos, na história das teorias da comunicação, várias correntes de estudo das mensagens. No nosso caso, estamos buscando uma perspectiva de estudo que não separe necessariamente os códigos organizados como símbolos convencionados, próprios dos humanos, dos códigos que são organizados e reorganizados sistemicamente em qualquer organismo. No interior de qualquer organismo temos os códigos hipolinguais, como os códigos metabólicos, que processam um conjunto de informações biológicas que mantêm os corpos vivos. Na medida em que, como outros mamíferos, por exemplo, nos envolvemos em atividades de caça que exigiram gritos, gestos e outros códigos; desenvolvemos os chamados códigos linguais, isto é, códigos que permitem a

convivência básica em sociedade, códigos estudados como linguagens que permitem a sociabilidade.

Os gestos que o homem aos poucos cultivou em seu desenvolvimento filogenético são frutos das misturas ou pontes entre os códigos hipolinguais próprios das trocas informacionais interorgânicas com os códigos hiperlinguais, aqueles que resultam de complexos processos culturais (Bystrina apud Baitello Jr., 1997, p. 29). Assim, quando falamos dos códigos hiperlinguais, conforme classificação feita pelo semioticista tcheco Ivan Bystrina, estamos nos referindo a códigos mais elaborados, articulados como textos que constituem a cultura, os chamados textos criativos ou imaginativos como os mitos, os rituais, as obras de arte, utopias, ideologias, ficções, etc. O homem, quando utiliza os códigos hiperlinguais, também denominados símbolos, não vive apenas no mundo biológico, mas sobrevive num universo simbólico permeado de crenças, narrativas, histórias, religiões, ciências e artes.

Para usarmos as palavras do filósofo alemão Ernst Cassirer (1874-1945), em vez de “lidar com as próprias coisas, o homem está, de certo modo, conversando consigo mesmo”. Nesse contexto, destacamos a afirmação do autor:

Não estando mais num universo meramente físico, o homem vive em um universo simbólico. [...] Envolveu-se de tal modo em formas linguísticas, imagens artísticas, símbolos míticos ou ritos religiosos que não consegue ver ou conhecer coisa alguma a não ser pela interposição desse meio artificial. [...] Vive antes em meio a emoções imaginárias, em esperanças e temores, ilusões e desilusões, em suas fantasias e sonhos. ‘O que perturba e assusta o homem’, disse Epíteto, ‘não são as coisas, mas suas opiniões e fantasias sobre as coisas’ (Cassirer, 1994, p. 48-49).

A partir das observações acima percebemos o quanto ainda devemos aprofundar o estudo das relações entre os códigos hipolinguais, linguais e hiperlinguais. Essas relações nos desafiam a investigações a respeito do conjunto dos códigos, e especialmente da possibilidade de os observarmos sistematicamente conectados. Um tipo de código alimenta e é alimentado pelo outro de forma recursiva, fato que permite ver uma continuidade entre campos que outrora foram muito separados como a natureza e a cultura. Em termos cotidianos sabemos, por exemplo, que o homem evacua como todos os animais, mas o faz em um contexto cultural que supõe algumas condições sanitárias próprias da cultura da qual participa.

No contexto do frenético crescimento das tecnologias digitais precisamos incessantemente reaprender a viver sistemicamente articulados aos espaços nulodimensionais. Tal fato nos leva a investigar com maior atenção, estimulados pelos estudos realizados por Norval Baitello Jr., os espaços criados pelos diferentes tipos de capilaridades da comunicação, considerando que cada capilaridade constrói um ambiente, como “um tipo de irrigação cria uma lavoura ou uma vascularização cria um corpo” (Baitello Jr., 2010, p. 105).

Entendemos que as descrições das quatro capilaridades, como já observamos anteriormente, e as observações das mesmas de forma empírica nos ajudam a compreender de que maneira os processos de comunicação se esparramam ocupando os espaços das diferentes capilaridades inicialmente indicadas pelo pesquisador: a capilaridade da comunicação presencial, a capilaridade alfabética, a capilaridade elétrica e a capilaridade eólica (Baitello Jr., 2010, p. 103-113).

Como já acenamos, diferentes perspectivas próprias de cada campo do conhecimento atravessam como um raio – ou um vetor – o chamado campo da comunicação, iluminam alguns aspectos e escondem outros, mesmo quando não explicitam. Esse processo de pesquisa, marcado pela postura fenomenológica de observação dos dados tais como eles a nós se apresentam, torna-se provavelmente mais compreensível quando trabalhamos considerando as relações sistêmicas entre eles.

Esse fato já foi observado, por exemplo, por Walter Lima Júnior quando, ao identificar as interações possíveis entre tecnologia, comunicação e ciência cognitiva, em artigo publicado em 2013, lembra que tal como as colônias de insetos o cérebro, o sistema imunológico, o sistema econômico e a *world wide web* são sistemas auto-organizados. O pesquisador entende que a comunicação lida com sistemas complexos, tanto “no campo do ser humano como no entendimento e relacionamento com as tecnologias digitais conectadas” (Lima Jr., 2013, p. 100). Nesse sentido, traduz e problematiza a noção de *sistema complexo* a partir de definição de Melanie Mitchell: “um sistema no qual grandes redes de componentes sem controle central e com regras simples de operação dão origem a comportamento coletivo complexo, processamento de informação sofisticado e adaptação via aprendizagem ou evolução” (Mitchell, 2009, p. 13 apud Lima Jr., 2013, p. 100).

Na perspectiva, destaca a importância do cruzamento de áreas de pesquisa como filosofia, psicologia, linguística, inteligência artificial, antropologia e neurociência, sem desconsiderar outras áreas. Essa perspectiva sistêmica nos anima a continuar o caminho do estudo da comunicação

cada vez mais sob um olhar transdisciplinar, acolhendo contribuições de diferentes correntes, relacionando caminhos já percorridos no diálogo com Vicente Romano, Ivan Bystrina, Vilém Flusser e Norval Baitello Jr., entre outros.

O diálogo com os autores acima citados e as observações empíricas das pinturas rupestres da Serra da Capivara (Piauí) e dos cantos dos Pigmeus Baka (República dos Camarões), fenômenos tridimensionais compartilhados digitalmente no ambiente das redes digitais conectadas, nos permitem investigar as relações entre comunicação presencial e comunicação mediada por equipamentos.

No contexto de pesquisa em contínuo desenvolvimento, alimentada pela dúvida e pelo diálogo com outros interlocutores, estamos usando a noção de ecologia da comunicação como uma metáfora sistêmica para se observar/investigar/compreender como, a partir do corpo, os processos de comunicação transbordam por diferentes capilaridades comunicacionais.

Capítulo 3

COMUNICAÇÃO E ESCALADA DA ABSTRAÇÃO

*O âmbito da visão é a superfície.
O âmbito da audição é a profundidade.*

Joachim-Ernst Berendt

Os estudos sobre Cultura do Ouvir e Ecologia da Comunicação, frisando o corpo como gerador de ambientes comunicacionais, tensionam outras formas de se pensar a comunicação. A dinâmica filosófica dos textos de Flusser nem sempre considera a comunicação a partir do corpo, como vimos nos estudos de Harry Pross, Vicente Romano, Norval Baitello Jr. e Dietmar Kamper. Dessa forma, questionam o que até o momento estudamos como cultura do ouvir e ecologia da comunicação.

O estudo do conjunto das obras de Vilém Flusser disponíveis em língua portuguesa permite o acesso a pistas que possibilitam, ao menos preliminarmente, a compreensão das noções de espaço e tempo, termos fundamentais para o estudo da comunicação.

Observamos dois períodos bem definidos na produção intelectual daquele que se definiu como “sem chão”. No primeiro período temos o Flusser brasileiro, autodidata que escreveu, lecionou e publicou baseado no diálogo com nosso universo cultural. Em seguida, encontramos o “segundo Flusser” que, já residindo na Europa, foi reconhecido como filósofo dos novos media pelas comunidades dos técnicos, artistas e usuários das então chamadas novas tecnologias de comunicação.

Vilém Flusser viveu no Brasil entre 1940 e 1972 e aqui produziu significativa parte de suas obras. Nasceu em 1920, em Praga, na atual República Tcheca, mas depois da chegada de Hitler àquele país em março de 1939 foi para a Inglaterra e, em seguida, em agosto de 1940, chegou ao Brasil com a família do seu futuro sogro. Aqui, casou-se com Edith e trabalhou na empresa da família da esposa onde, conforme registro de Gus-

tavo Bernardo, fazia negócios de dia e filosofava, como autodidata, no período noturno. Em 1957 publicou seu primeiro artigo sobre filosofia da linguagem, começou a ser reconhecido como intelectual e depois atuou como professor até 1972, quando deixou o país.

Em São Paulo, conforme relato de Celso Lafer, Vilém e sua esposa Edith recebiam, entre outros interlocutores, os colegas dos filhos, na Rua Salvador Mendonça, 76. Como os jovens não dominavam a língua alemã, sugeriram que ele escrevesse em português. Nesse contexto nasceu o texto “Praga, a cidade de Kafka”, hoje disponível no livro *Da Religiosidade*. O texto, conforme sugestão dos colegas de Dinah Flusser, filha do autor, foi publicado por Décio de Almeida Prado no Suplemento Cultural do jornal *O Estado de S. Paulo* (Lafer apud Flusser, 1999, p. 5).

De 1972 a 1991 Flusser residiu em Robion, na França, de onde viajava para proferir conferências na Alemanha e em outros países. Convidado para ministrar uma conferência em Praga, sua cidade natal, faleceu devido a um acidente automobilístico no dia 21 de novembro de 1991.

No artigo “Um Platão da era dos computadores”, publicado por Nils Röllner na *Folha de S. Paulo* em 16 de dezembro de 2001 observamos que, da mesma forma que Platão viveu na época da tensão entre a oralidade e a escrita, Flusser viveu no período entre a predominância da escrita e a da codificação computadorizada. Deixando de lado os exageros da comparação entre os períodos limiares nos quais viveram o filósofo grego e o filósofo tcheco-brasileiro, o fato é que Flusser tem algo a dizer e o disse, especialmente a partir do Brasil.

DISCURSO E DIÁLOGO

Em sua história de vida, registrada em *Bodenlos: uma autobiografia filosófica* (2007a), encontramos a lista dos onze interlocutores com os quais manteve diálogos filosóficos no Brasil. No ambiente desse fecundo diálogo, sua vida parece praticamente um enfrentamento da falta de fundamento expressa no próprio título da obra – *Bodenlos*, em alemão, quer dizer “sem chão” ou “sem-terra”. No livro, relata as interlocuções com sete brasileiros e quatro imigrantes. Os brasileiros são Milton Vargas, Vicente Ferreira da Silva, João Guimarães Rosa, Haroldo de Campos, Dora Ferreira da Silva, José Bueno e Miguel Reale. Os quatro imigrantes são o tcheco Alex Bloch, o artista plástico romeno Samson Flexor, o judeu ortodoxo inglês Romy Fink e a artista plástica suíça Mira Schendel. A obra indica que a construção da produção intelectual de Flusser aconteceu na conversação, na interação com outras pessoas que também buscavam justificativas para continuar a viver e manter um engajamento na contemporaneidade.

O diálogo com os interlocutores brasileiros permitiu uma análise fenomenológica (Flusser, 1998b) de como a “gente” compreende o mundo. A pequena palavra *gente*, por exemplo, adquire em seus textos um significado especial, observado por Gustavo Bernado:

Com a “gente” no lugar do “eu” e do “nós”, o filósofo diz “eu” e diz, ao mesmo tempo, “nós”, ou melhor, diz “toda a gente”. Assim ele questiona de dentro, na forma, o “eu solar”, isto é, o “eu” centro do sistema e do universo (Bernardo apud Flusser, 2007a, p. 15).

Entendemos que o contexto da conversação, em especial com os interlocutores citados no livro, permitiu um

progressivo engajamento reflexivo no universo dos códigos usados tanto na comunicação presencial como na crescente comunicação mediada por equipamentos.

Provocar e deixar-se provocar pela presença dos outros, com suas vivências e posicionamentos diante dos fatos e acontecimentos, parece ter sido a melhor forma de construção de suas concepções. Assim, podemos dizer que praticou um método fenomenológico na medida em que cultivou a perspectiva da volta às coisas, isto é, da atenção aos fenômenos, ao que aparece à consciência. Aqui podemos citar uma observação de Gustavo Bernardo sobre as conversações de Flusser com a obra de Edmund Husserl (1859-1938):

Atormentava a Husserl a questão central de todo idealismo: o que vemos, existe? E: o que existe, existe mesmo? Na linguagem do filósofo alemão [Husserl], toda percepção da coisa é indissociável da tese do mundo, assim como, para Spinoza, toda representação é juízo situado na ordem das ideias. Vemos não isto, mas isto tudo relacionado àquilo e àquilo outro, vemos as relações (Bernardo, 2002, p. 62).

Pelo fato de Flusser se referir às relações entre pessoas e/ou coisas, percebemos que sua metodologia é marcada por perguntas, pela observação atenta dos fenômenos e, especialmente, pela coragem de duvidar.

Na perspectiva do filósofo José Arthur Gianotti, um crítico do autor, Flusser era muito mais um “litero pensante” do que um filósofo (Bernardo; Mendes, 2000, p. 235), denominação que enfatiza a postura indagadora do autor e o estilo de seus textos elaborados em forma de ensaios que provocam o pensamento. A denominação foi depois esco-

lhida como título de um conjunto de 35 ensaios publicados no Brasil em 1998: *Ficções Filosóficas*.

Encontramos outros elementos da perspectiva fenomenológica em seu livro *Da religiosidade* (2002a). O capítulo intitulado “Em louvor do espanto” é praticamente uma aula introdutória ao instrumental fenomenológico:

As coisas representavam algo, eram símbolos de algo, e era possível adorar esse algo atrás das coisas. Os instrumentos representam, no melhor dos casos, o trabalho manipulador da existência humana, e a única coisa que é possível adorar nos instrumentos é o trabalho humano atrás deles. [...]. Dada essa nossa situação, compreendem-se as tentativas de uma reconquista do espanto, que são, no fundo, tentativas de dar significação à existência humana pela procura deliberada de uma segunda ingenuidade. E deste ângulo que devemos interpretar a fenomenologia husserliana, que é um método de deixar a coisa ser coisa. Pela redução eidética, isto é, pela supressão de todos os conhecimentos a respeito da coisa, procura Husserl redescobrir a coisidade, o eidos da coisa, o espanto da coisa. [...]. Enquanto esse espanto da filosofia persistir, não há motivo para matar-se (Flusser, 2002a, p. 96).

Relembrando que é pelo espanto que os homens começam a filosofar, como dizia Aristóteles, com o lema “vamos às coisas!” Husserl propôs como método da filosofia a *epoché* ou redução fenomenológica, termos do vocabulário filosófico para suspensão dos pré-julgamentos em relação aos fenômenos. Um leitor de Flusser se sente em ambiente familiar com essa perspectiva de olhar para o mundo, com essa forma de olhar para os fenômenos.

Por outro ângulo, considerando especialmente a primeira obra publicada por Flusser, *Língua e realidade*, Luís

Washington Vita, em obra sobre história da filosofia no Brasil, enfatiza que o filósofo tcheco-brasileiro se dedica especialmente “aos problemas da linguagem, sobretudo sob a influência de Wittgenstein, procura situá-los em uma compreensão existencial, à luz da filosofia de Heidegger” (Vita, 1966, p. 147).

Quando o engenheiro e professor de filosofia Milton Vargas (1914-2011) – interlocutor que o convidou a lecionar filosofia da ciência na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo – apresentou o livro *Natural:mente*, publicado pela Livraria Duas Cidades, indicou sua visão a respeito da formação do autor:

Entretanto, embora ele próprio não perceba, sua formação filosófica foi irremediavelmente tingida pela circunstância brasileira. Leu Nietzsche, São João da Cruz, Eckhart, Angelus Silesius, Kant, Husserl, Wittgenstein, Cassirer, Heidegger e Ortega dentro da circunstância brasileira. Adquiriu assim aquela charmosa capacidade de imprimir calor humano nas mais abstratas conversas filosóficas. Talvez o seu modelo tenha sido Ortega y Gasset, tanto no brilhantismo dos seus ensaios quanto no embasamento germânico de seu pensamento. Pois Flusser, como Ortega, tudo deve a Husserl. Seu caminho filosófico, porém, através da Fenomenologia, conduziu-o à Filosofia da Linguagem (Vargas apud Flusser, 1979, p. 1).

As lembranças dos interlocutores (as) de Flusser no Brasil, como Maria Lilia Leão, remetem a uma metodologia de conversação que revela algumas aproximações práticas de uma questão já teorizada pelo filósofo austríaco Martin Buber. Segundo Leão, “se Flusser não chegou a teorizar como Buber a relação eu-e-tu, conseguiu existen-

cializá-la, fazendo mesmo questão de torná-la sua práxis” (Leão apud Bernardo; Mendes, 2000, p.16).

O contato com as obras de Flusser e com seus leitores brasileiros revela uma postura dialógica fundamental, uma concepção de filosofia que supõe um “engajar-se contra a ideologização e em favor da dúvida diante do mundo, que, de fato, é complexo e não-simplificável”, conforme suas palavras em uma carta a Maria Lília Leão (Flusser apud Bernardo; Mendes, 2000, p. 17).

No diálogo com a pluralidade de interlocutores, Flusser teceu sua leitura dos fatos de seu tempo. Essa concepção, na nossa avaliação, se concretiza progressivamente na forma como foi compreendendo os códigos culturais que permitem a comunicação como relação no espaço e no tempo.

No final de *Língua e realidade*, retoma duas definições que estavam na base de suas inquietações. A primeira é a definição da língua como “um conjunto dos sistemas de símbolos” e a segunda a definição de realidade “como aquilo que pode ser apreendido e compreendido” (Flusser, 2004, p. 201). O autor mostra que o propósito da obra era incentivar o processo de conversação, que pretende “mergulhar este trabalho no grande rio da conversação para que seja levado pela correnteza da realização até o oceano do indizível” (Flusser, 2004, p.203). O leitor praticamente deverá continuar a conversação lembrando a proposição fundamental do livro: língua é realidade, ou não há realidade além da língua.

No capítulo “Nossa comunicação” do livro *Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar*, Flusser analisa a sociedade ocidental como um tecido comunicativo, noção que nos anima a pensar a respeito de comunicação com

maior profundidade. Talvez encontremos pistas como a seguinte afirmação:

A solidão na massa é consequência da dificuldade crescente para entrarmos em comunicação dialógica uns com os outros. Sob o bombardeio quotidiano pelos discursos extremamente bem distribuídos dispomos, todos, das mesmas informações, e todo intercâmbio dialógico de tais informações está se tornando redundante. A nossa sensação de solidão se deve a nossa incapacidade crescente de elaborarmos informações novas em diálogo com os outros. Sob o domínio dos discursos o tecido social do Ocidente vai se decompondo. Urge pois analisar tais discursos (Flusser, 1983, p. 59).

Nesse contexto, apresenta a diferença entre os discursos teatrais das aulas ou concertos, os discursos piramidais dos exércitos e igrejas, os discursos em forma arbórea das ciências e das artes, bem como os discursos anfiteatrais do rádio e da imprensa (1983, p. 59). Observa que o Ocidente elaborou dois tipos de diálogo: os diálogos circulares, visíveis nas mesas redondas ou parlamentos, e os diálogos em rede presentes, no sistema telefônico e na opinião pública.

A necessidade de compreender na cultura ocidental o surgimento das imagens técnicas conduziu Vilém Flusser à noção de pós-história. Tal concepção de imagens técnicas foi analisada em *Filosofia da caixa preta*. Apesar de esse livro apresentar, no Brasil, o subtítulo *Ensaio para uma futura filosofia da fotografia*, a palavra “fotografia” deve ser lida como metonímia do universo de imagens mediadas por tecnologias. O autor usa a palavra “fotografia” como pretexto para compreender o funcionamento das sociedades pós-históricas que trabalham menos com textos e mais

com imagens. Na avaliação de Arlindo Machado (2001, p. 37), Flusser estuda a fotografia como modelo para analisar a sociedade das imagens técnicas.

O livro mostra, ainda segundo Machado, que os fotógrafos atuam dentro de duas possibilidades: usar a máquina como simples funcionário que não conhece os programas do aparelho, então considerado uma caixa preta, ou em uma perspectiva artística que insurge contra o programa e resgata artisticamente a liberdade. Nesse sentido, a obra apresenta uma teoria para pensar a fotografia fora da simples duplicação automática do mundo, de uma forma diferente de Barthes, que enfatiza (não só) as perspectivas denotativas da fotografia.

Ao tratar as imagens como “superfícies que pretendem representar algo” (Baitello Jr. 2002, p. 7), o autor está se referindo à subtração de alguma coisa, isto é, mostrando que a imagem é a principal ferramenta da desmaterialização das coisas e dos corpos. Nesse sentido, as imagens abstraem ou subtraem uma dimensão do mundo, fato que nos permite perceber os motivos que fazem com que, para Flusser, as imagens sejam consideradas abstrações.

Flusser ainda mostrará, em outras obras, a diferença entre imagens tradicionais e as imagens técnicas. Mais que um livro sobre fotografias e imagens, como observamos acima, estamos diante de uma obra que constata que os homens estão atuando como funcionários dos aparelhos. Estamos diante de problemas que marcaram o século passado e ainda hoje nos desafiam cada vez mais. Nesse sentido, Gustavo Bernardo propõe uma relação entre Hannah Arendt e Vilém Flusser que nos ajuda a compreender a noção de funcionário de um aparelho.

Hannah Arendt, ao estudar a banalidade do mal, se perguntou como gente insignificante foi transformada pelo aparelho nazista em funcionários poderosos. Flusser tentou olhar o outro lado do problema: gente responsável culta sendo transformada em funcionários insignificantes que promovem, sem o perceber, males gigantescos, adequados aos aparelhos agigantados que os empregam (Bernardo, 2002, p. 176).

Mais recentemente, em *O mundo codificado*, coletânea publicada no Brasil em 2007, encontram-se os textos do que chamamos “período europeu” da vida do autor, ensaios escritos entre 1973, um ano após o retorno para a Europa, e 1991, ano da sua morte. Esse período é marcado pelo reconhecimento internacional e pelas inúmeras palestras que proferiu em diferentes países onde era convidado como “filósofo dos novos media” (Bernardo apud Flusser, 2007, p.9).

Podemos dizer que não se trata mais do Flusser brasileiro que produziu ensaios e textos para jornais depois tratados como *Ficções filosóficas* (1998a), como vimos anteriormente, mas do Flusser que dava continuidade a essa linha de reflexão, olhando para o mundo das imagens codificadas com os pés em outros espaços – várias cidades do mundo – além de São Paulo. Afinal, ele nunca esteve limitado a São Paulo, como vemos no texto “Estrangeiros no mundo”, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* em 14 de dezembro de 1991, após sua morte: “Nem todos temos pátria, mas todos moramos. [...] Não posso insistir em Robion, sob pena de perder o mundo. Se estou no mundo, é porque moro e não insisto”.

Dentre os textos de *O mundo codificado*, destacamos “O que é comunicação?”, no qual mostra a diferença entre comunicação dialógica e comunicação discursiva:

Para produzir informação, os homens trocam diferentes informações disponíveis na esperança de sintetizar uma nova informação. Essa é a forma de comunicação dialógica. Para preservar, manter a informação, os homens compartilham informações existentes na esperança de que elas, assim compartilhadas, possam resistir melhor ao efeito entrópico da natureza. Essa é a forma de comunicação discursiva (Flusser, 2007, p. 97).

Com seu estilo de filosofar sobre questões muito práticas, na mesma coletânea, articula um diálogo entre Ocidente e Oriente a partir da análise do design de um rádio portátil japonês. Observa que o conhecido abismo intransponível entre as concepções filosóficas e teológicas do Oriente e do Ocidente começam a se fechar quando constatamos que o rádio portátil é um “produto da ciência aplicada ocidental e seu design é japonês”. Assim, “o rádio portátil japonês certamente não impõe à ciência aplicada do Ocidente uma forma oriental, mas trata-se de uma síntese em que ambos se complementam mutuamente” (Flusser, 2007b, p. 97).

A ESCALADA DA ABSTRAÇÃO

As noções de espaço e tempo estão presentes, como vimos, no que Flusser chamou de “escalada da abstração”. Através deste percurso percebemos a passagem da comunicação com todos os sentidos do corpo, a comunicação tridimensional, para a comunicação nulodimensional expressa em fórmulas abstratas, em forma de números, nos aparatos digitais.

Em busca de um aprofundamento do que chamamos ecologia da comunicação, com o filósofo tcheco-brasilei-

ro podemos explorar as transformações comunicacionais ocorridas quando o homem, além de usar a comunicação tridimensional, com todo o seu corpo, passou a usar a comunicação bidimensional, com as imagens, depois a comunicação unidimensional, com a escrita linear, e ultimamente também a comunicação nulodimensional, com os dígitos ou números. A esse processo Flusser dá o nome de escalada da abstração, como vimos, pelo fato de que cada transformação – corpo, imagem, escrita e dígito – implica a subtração, abstração ou redução de uma das dimensões dos corpos e dos objetos.

Do campo da cultura do ouvir podemos ampliar para toda a ecologia da comunicação o fato que os sons estão presentes nos diálogos presenciais e, mesmo que de forma diferente, quando são mediados por equipamentos ou acessados por meio de programas de *streaming*, uma forma de distribuição de dados em uma rede por meio de pacotes. É possível, e isso devemos ainda investigar, transitar entre as diferentes formas de comunicação conforme a necessidade, isto é, abraçarmos um amigo na comunicação tridimensional, lembrarmos sua pessoa por meio de uma fotografia na comunicação bidimensional, assinarmos um contrato de compra e venda de um bem firmando a assinatura em um documento na comunicação unidimensional, ou trocarmos informações – ou até afetos – mediadas por uma mensagem de texto por um smartphone na comunicação nulodimensional.

É possível que as quatro formas de expressão estejam bem interligadas, alimentem-se recursivamente. Assim, não se trata de negar a importância da comunicação bidimensional do universo das imagens ou da comunicação

unidimensional do linear universo da escrita, mas talvez da possibilidade de transitarmos entre os quatro processos de comunicação (Menezes, 2012, p. 27).

No livro *Elogio da Superficialidade*, escrito em 1985, editado com o título *O Universo das Imagens Técnicas – Elogio da Superficialidade* (2008), Flusser apresenta o que denomina “modelo fenomenológico da história da cultura” para descrever quatro gestos que constituem, a título de modelo, os passos rumos à abstração. São eles: o gesto da mão estendida (manipular), o gesto da visão reveladora de contextos (ver), o gesto da explicação conceitual das visões (conceituar escrevendo) e o gesto de apertar teclas (calcular, computar). Aos quatro gestos articula quatro partes do corpo: a mão, o olho, o dedo e a ponta do dedo. Relaciona ainda o percurso da redução ou subtração ou escalada da abstração entre os corpos, as imagens, os textos e os pontos. Assim, respectivamente relacionados à mão, ao olho, ao dedo e à ponta dos dedos teríamos a tridimensionalidade, a bidimensionalidade, a unidimensionalidade e a zerodimensionalidade.

Vilém Flusser enfatiza que o modelo proposto, como qualquer modelo, não é o mais adequado, mas útil para o propósito de se compreender o fato que somos testemunhas, colaboradores e vítimas de uma revolução cultural. Segundo o autor, ao manipular abstraímos o tempo e transformamos o mundo em circunstância; ao registrarmos as imagens tradicionais abstraímos o volume e criamos superfícies; ao criarmos os textos escritos conceituamos e organizamos linearmente a história; ao calcularmos e computamos criamos as imagens técnicas, isto é, as superfícies construídas com pontos. Por isso, o gesto de apertar teclas

libera o homem para processos criativos, como observaremos em seguida, já que hoje não podemos, caso hipoteticamente desejásemos, nos limitarmos unicamente ao universo tridimensional.

Considerando que na contemporaneidade, marcada pelo uso de tantos equipamentos digitais, já não podemos viver apenas na comunicação tridimensional e nem podemos nos contentar com as simples trocas de sinais da comunicação nulodimensional, podemos retomar a concepção de trânsito entre as quatro formas de comunicação. Para justificar essa possibilidade citamos uma conferência performática de Vilém Flusser, conforme o testemunho e registro de Dietmar Kamper, quando o próprio comunicólogo tcheco-brasileiro expôs propositalmente, com os movimentos de seu corpo, os quatro passos no caminho da abstração.

Segundo Kamper, conforme tradução de Norval Baitello Jr., “ele [Flusser] caminhou para trás, falando e gesticulando sobre o palco do auditório, até bater com as costas na lousa. Depois veio de novo para frente do palco e lecionou (*dozierte*) sobre a tecno-imaginação e as imagens sintéticas” (Kamper apud Baitello Jr., 2005, p. 88). Caminhar para trás até bater com as costas na lousa e depois retornar até a frente do tablado do auditório pode ser, na nossa leitura, um sinal do ir e vir entre a comunicação tridimensional e a comunicação nulodimensional, um sinal do avançar até o limite e o retornar do corpo com seus gestos, movimentos e odores (Menezes, 2012, p. 27).

Relembramos que ao apresentar, em 2004, a reedição do livro *Língua e Realidade*, que Flusser publicou em 1963, Baitello Jr. cita uma afirmação do autor registrada em dois

livros inacabados: *Menschwerdung* (Hominização) e *Vom Subjekt zum Projekt* (Do sujeito [sujeito] ao projeto) que, na nossa leitura, pode contemplar possíveis contribuições para se problematizar a noção de ecologia da comunicação:

[...] o passo atrás (*zurücktreten*) do pensamento da linha para o ponto não é apenas um movimento do calcular – do analisar do mundo e do homem – mas igualmente um movimento do computar: a sintetização de mundos e homens. É correto que com o emprego do pensamento numérico foi dado um passo para a decomposição das coisas e do homem em ‘nada’. Mas é igualmente correto que se libera o campo para o projetar de mundos e homens alternativos (Flusser apud Baitello, 2004, p. 26).

Comentando a afirmação, Baitello Jr. recorda que, segundo o comunicólogo Vilém Flusser, nos encontramos na situação catastrófica em que não seria mais possível dar um passo sequer na escalada da abstração. “Resta-nos, portanto, começar a se fazer (e ser) projetos (*Entwürfe*). Este ‘nós’ aqui não pode ser compreendido como ‘um grupo de indivíduos’, mas sim como um diálogo em rede (*Vernetzterdialog*)” (Baitello Jr., 2004, p. 26).

Retomamos uma reflexão de Norval Baitello Jr. que nos ajuda a aprofundar esse percurso de compreensão da escalada da abstração. Para Baitello Jr.:

Flusser percorre a evolução dos meios de comunicação do homem pontuando que nas remotas origens a espécie humana – como outras espécies animais – se comunicava com o corpo, seus gestos, seus sons, seus odores, seus movimentos. Tratava-se de uma comunicação tridimensional. Quando o homem começou a utilizar objetos

como suportes, sobre os quais deixava sinais, nasceu o mundo das imagens, da comunicação bidimensional.

Algumas imagens se transformaram em pictogramas e depois em ideogramas e depois em letras, inaugurando o mundo da escrita, da comunicação unidimensional, do traço e da linha.

E finalmente, com o desenvolvimento das tecnimagens, alcançamos o mundo da comunicação nulodimensional, uma vez que as imagens técnicas, produzidas por aparelhos, nada mais são que uma fórmula abstrata, um algoritmo, um número (Baitello Jr., 2003, p. 81).

Em nossa leitura das obras de Flusser foi possível compreender que ele não era um crítico desesperado e amargo. Ao descrever a passagem da comunicação tridimensional para a comunicação nulodimensional, o autor não diz que estamos diante do fim dos processos de comunicação. Ao contrário, mostrando que não há mais caminho além da abstração total, nos desafia a conviver com o movimento entre o nulodimensional e o tridimensional. Essa tensão faz com que bem utilizemos as vantagens da comunicação nulodimensional do universo digital, aproveitemos o mundo unidimensional da escrita, bem ou mal convivamos com a bidimensionalidade das imagens e resgatemos a importância da comunicação corpo a corpo marcada pela tridimensionalidade. Há, provavelmente, um espaço de ida e volta, um espaço de tensão entre os diversos tipos de “uso” do espaço que se reduz ou se amplia na medida em que transitamos entre o nulodimensional e o tridimensional.

Entendemos que a análise flusseriana do espaço está presente quando falamos de processos comunicativos, quando

falamos de vínculos. Os vínculos são formas de aproximação espacial, são formas de aproximação entre os corpos. Os vínculos permitem a comunicação ou, até podemos dizer, são “comunicação” no sentido em que permitem a constituição das sociedades. Uma constituição que se dá na medida em que cruzar espaços significa gastar tempo.

Considerando que espaço e tempo são fatores determinantes nos processos comunicativos reafirmamos, em diálogo com Flusser, a importância de transitarmos pelas diferentes etapas do percurso entre a comunicação tridimensional e a comunicação nulodimensional, no contexto das quais vivemos, nos movemos e nos constituímos.

O autor mostra a mudança dos códigos dominantes na história da comunicação (gestos do corpo, imagem, escrita, digitalização) para nos desafiar a repararmos que não percebemos integralmente os fenômenos, mas de fato os construímos na medida em que processamos o percebido como fenômenos no espaço e no tempo.

Provavelmente Flusser ainda será estudado como um hábil construtor de cenários. Ao mostrar as mudanças no uso do espaço e do tempo, ele monta um cenário que nos leva do desalento à criação, do apocalipse às frestas de esperança, da dor que inibe ou paralisa até a dor que nos (co) move a agir apesar de tudo.

Neste contexto recordamos que Norval Baitello Jr., no texto “Vilém Flusser e a terceira catástrofe do homem ou as dores do espaço, a fotografia e o vento”, comenta algumas das oito conferências de Flusser em uma das dez “edições” dos *Internationale Kornhaus Seminarie* (Seminários Internacionais do Celeiro), eventos promovidos por Harry Pross, entre 1984 e 1993.

O homem vivenciou três grandes catástrofes ao longo de sua história: a hominização, trazida pelo uso das ferramentas de pedra; a civilização, criada pela vida em aldeias, com a conseqüente sedentarização; e a terceira catástrofe, em curso e ainda sem nome, é marcada pela volta ao nomadismo, pois as casas se tornaram inabitáveis. Na primeira, o homem desenvolve ferramentas e persegue a caça, é nômade como a caça e como o vento; ao andar (como o vento) toca e apreende o mundo. Na segunda, constrói casas, domestica e cria sua caça; começa a possuir coisas e, como possui, torna-se fixo na terra, não mais pode andar para apreender o mundo; cria as imagens tradicionais e a escrita que substituem o mundo e os seus percursos (e somente apreende o mundo com sua mediação). Na terceira, sua casa fica inabitável, porque por todos os seus buracos entra o vento da informação (com suas imagens técnicas, transmitidas pelas tomadas de eletricidade). Esta o conduz a um nomadismo de novo tipo, no qual não é mais o corpo que viaja, navega ou caminha, mas o seu espírito (em latim *spiritus*, em grego *pneuma*, em hebraico *ruach*), seu vento nômade. Enquanto o homem gerado pela primeira catástrofe vivia no espaço-tempo do caminhar e de sua caça, uma referência móvel, o da segunda tinha uma referência fixa, sua terra e suas posses. O homem da terceira catástrofe retorna ao vento, à natureza fluida da informação e dos valores simbólicos (Baitello Jr., 2005).

Mais uma vez temos a impressão de transitarmos entre o desalento e as frestas de esperança. As catástrofes também podem ser estudadas em relação à escalada da abstração, lembrando que “abstrair significa subtrair” e a escalada ou escada da abstração é marcada pelo fato de que “a cada degrau ocorre uma redução, uma perda espacial, a cada passo reduz-se uma das dimensões” (Baitello Jr., 2005).

Essas questões, sempre marcadas por formas de utilização do espaço e do tempo, nos ajudam a perceber a questão de fundo que permeia os estudos das Ciências da Cultura e da Comunicação: os propósitos de ampliação da comunicação convivem com os fatos da incomunicação. Ou, nas palavras de Flusser, “a solidão na massa é consequência da dificuldade crescente para entrarmos em comunicação dialógica uns com os outros” (Flusser, 1983, p. 59).

Voltando às relações entre as dimensões tridimensionais, bidimensionais, unidimensionais e nulodimensionais observamos que Flusser nos desafia a estudar a importância do espaço nos processos comunicativos. Segundo Flusser, o quarto passo em relação à abstração total, que levou da unidimensionalidade da escrita alfabética à nulodimensionalidade da digitalização (dígitos como números), já começou durante a Renascença. Trata-se de uma questão que deveremos aprofundar, especialmente considerando que ao falar em espaço nos referimos aos vínculos entre as pessoas e, por isso, nos referimos ao tempo tanto na dimensão dos ritmos biológicos quanto na dimensão, hoje sempre cumulativa, da cultura.

Ao pensarmos as noções de espaço e tempo em Flusser, nos referimos aos processos relacionais entre indivíduos e/ou coisas. Essa questão abordada, como lembramos, por Martin Buber na obra *Eu e tu*, publicada em 1922, nos permite perceber que na vinculação o outro deixa de ser uma “coisa” para se tornar um “tu”. Tal postura dialógica, mesmo considerando que o diálogo “é uma situação relativamente rara e preciosa” (Flusser 1998a, p.100), nos leva a considerar, segundo Merleau-Ponty, que a experiência do diálogo constitui “um terreno comum entre outrem e

mim, meu pensamento e o seu formam um só tecido, meus ditos e aqueles do interlocutor são reclamados pelo estado da discussão” (1999, p. 474).

A situação de diálogo supõe, segundo Flusser, que dois ou mais sistemas troquem informações por um canal comunicante; no caso os sistemas em diálogo são pessoas, as informações são sentenças e o canal é uma língua. Para o filósofo, a situação exige algumas condições prévias:

- a) os sistemas não podem ser idênticos ou muito semelhantes; b) os sistemas não podem ser inteiramente ou quase inteiramente diferentes; c) um dos sistemas não pode englobar ou quase englobar o outro; d) os sistemas devem estar abertos um para o outro (Flusser 1998a, p. 100).

Analisando essas condições, o autor mostra que o diálogo não acontece quando uma das condições não se coloca. A relação entre comunicação e incomunicação pode ser observada quando a conversa fiada substitui a conversação. Flusser (2004, p. 184) analisou essa questão em *Língua e realidade*.

A fisiologia da língua, isto é, o estudo dos processos linguísticos, revela que ela consiste de diversas camadas de realização, ou de autenticidade. Surge do potencial inalcançável e condensa-se através das camadas do balbuciar, da salada de palavras e da conversa fiada até realizar-se, isto é, formar intelectos que aprendem, compreendem e articulam, na camada da conversação (Flusser, 2004, p. 184).

Para Flusser, no meio do exército de intelectos em conversação, os pioneiros são os poetas, e os postos avançados são os que denomina “mestres da oração”, que estendem

em “todas as direções, o território da realidade, conquistando-o ao nada” (2004, p. 184).

Comparando o período de produção intelectual de Flusser com o período de mudanças no qual viveu Platão, como já acenamos, observamos que o autor descreveu um cenário das transformações que experimentamos. Não pretendeu catalogar todos os processos comunicativos, mas apenas nos convidar a pensar a respeito do que ganhámos e do que perdemos no trânsito entre os diferentes processos de abstração.

Nas formas como Flusser expressou a vivência e compreensão da comunicação, do espaço e do tempo, encontramos instrumentos para compreendermos, na contemporaneidade, tanto os processos de vinculação face a face como os mediados por equipamentos.

Capítulo 4

DINÂMICAS QUE ATRAVESSAM OS ESTUDOS DA COMUNICAÇÃO

*A liberdade começa somente quando se
assume o custo das consequências do
próprio pensamento, ação, sentimento.*

Dietmar Kamper

No contexto das transformações contemporâneas no universo da comunicação, a formação e a atuação dos profissionais de comunicação é um tema recorrente e necessário. Dentre os vários caminhos de acesso às questões em pauta, destacamos algumas com o objetivo de contribuir para o debate (Menezes, 2015).

Os estudos da comunicação, entre os quais se inserem as pesquisas a respeito da formação e atuação dos comunicadores, estão marcados por dinâmicas e atravessados por vetores que ajudam a compreender a complexidade da questão. Sem a menor pretensão de sermos completos, podemos citar as dinâmicas do corpo e dos vínculos afetivos, as dinâmicas simbólicas, as dinâmicas tecnológicas, as dinâmicas colaborativas no cuidado do planeta e, ainda, as dinâmicas acadêmicas.

DINÂMICAS DOS CORPOS E DOS VÍNCULOS

Em relação às dinâmicas relacionadas ao corpo e aos vínculos afetivos, estamos redescobrimo que toda comunicação começa no corpo e envolve os corpos de cidadãos dispostos a cultivar os vínculos e a participar de processos tensionados por comunicação e incomunicação, no sentido do “compartilhar” ou “tornar comum” já presente na palavra latina *communis*. Apesar do exagero de informações a respeito do corpo e dos cuidados para uma vida saudável, nem sempre conseguimos perceber que os processos de comunicação deveriam deixar os corpos dos profissionais da comunicação mais saudáveis.

Essas dinâmicas tensionam algumas práticas contemporâneas como o tempo diário que os comunicadores dedicam ao trabalho, a maneira como o trabalho invade o ambiente

doméstico e os espaços lúdicos, o cultivo da habilidade de ouvir as fontes ou interlocutores e, entre outros, o tempo que os profissionais gastam exercendo atividades centradas nos dedos, com a digitação, nos olhos, com as múltiplas telas, e nos glúteos, com o excesso do uso de cadeiras postadas diante das diversas telas usadas no trabalho. O quanto o corpo humano pode aguentar na convivência com tantas telas e possibilidades de comunicação torna-se uma questão fundamental quando consideramos que um crescente número de cidadãos, com destaque para os comunicadores, são progressivamente levados a não usar a tecla de desconexão.

Trata-se de questões comunicativas que podem ser aprofundadas na linha de pesquisas já realizadas pelo jornalista e comunicólogo alemão Harry Pross a respeito do corpo como meio primário de comunicação. Ou, ainda, nos trabalhos do sociólogo alemão Dietmar Kamper quanto ao questionamento do uso do universo digital como variante da despedida do corpóreo e das pesquisas do brasileiro Norval Baitello Jr. relativas aos vínculos e ambientes de comunicação, entre outros.

Por outro lado, nos trabalhos de reportagem e em processos de comunicação corporativa a questão da proximidade física com o corpo do outro, quer seja uma personalidade pública ou pessoa em situação de rua, é pouco abordada na formação dos profissionais de comunicação. Objeto de pesquisa do antropólogo estadunidense Edward T. Hall (1914-2009), a já mencionada proxêmica ainda é insuficientemente tomada como objeto de estudos nas pesquisas a respeito da comunicação.

As questões ligadas ao corpo e aos vínculos também podem ser examinadas em termos de participação em ri-

tuais de vínculos de diferentes culturas ou de pertencimento social alimentado pelos afetos, a partir dos trabalhos de etólogos como o austríaco Irenäus Eibl Ebesfeldt e do francês Boris Cyrulnik. Esses temas, pouco considerados quando se limitam os estudos da comunicação às trocas informativas, enfatizam os processos de compartilhamento de emoções presentes nas relações humanas e no trabalho dos comunicadores, como observa a pesquisadora brasileira Malena Contrera quando investiga as noções de empatia e simpatia nas relações humanas.

DINÂMICAS SIMBÓLICAS

As dinâmicas simbólicas interessam de perto aos estudos de comunicação pelo fato de que, apesar de trabalharmos diariamente com os símbolos, nem sempre percebemos que, como já lembrou Harry Pross, eles vivem mais que os homens. As imagens arquetípicas, presentes na longa história dos sonhos das diversas culturas, alimentam nossos ideais cotidianos de colaboração e coparticipação no âmbito das relações sociais. No entanto, também podem ser observadas quando se cultivam notícias marcadas por polaridades que justificam as guerras ou pelas contendas no trato com os outros, isto é, com aqueles que não compartilham o mesmo território ou os mesmos valores. Pouco conhecemos da forma como os símbolos nos movem, nos alimentam e também, muitas vezes, limitam nossas possibilidades de sonhar e construir mundos alternativos.

Por outro lado, as notícias pontuais sobre atividades bélicas fundamentadas em leituras das tradições religiosas, das torcidas organizadas de futebol e da força simbólica do

carnaval, para citar algumas, ainda são carentes de abordagens a respeito dos símbolos, dos ritos, dos tambores tribais que continuam a convocar multidões e dos mitos que permeiam a comunicação na contemporaneidade. A pressa na informação cotidiana muitas vezes é usada como desculpa para interpretações rasas, que não consideram, por exemplo, que atrás de uma simples bandeira de um país ou de uma torcida organizada existe um exército de pessoas motivadas a lutar ou até a morrer por ela, como já lembrou o filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser.

É possível que a pouca atenção ao universo dos símbolos seja fruto, entre outras, de uma visão cientificista que valoriza dados quantitativos testados e aprovados. O estudo dos símbolos, ainda precários na formação dos comunicadores, pode ser feito nas trilhas do filósofo germânico Ernst Cassirer (1874-1945), do psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung (1865-19961) e, mais recentemente, nas pesquisas sobre jornalismo, diálogo e compreensão, desenvolvidas no Brasil por Dimas A. Künsch. Destacam-se, também, trabalhos a respeito das posturas de atores muito presentes nas coberturas jornalísticas como os revolucionários, os mártires e os terroristas, desenvolvidos pelo brasileiro Jacques Alkalai Wainberg; o estudo dos mitos nos meios de comunicação desenvolvidos por Malena Contrera e, entre outros, as pesquisas a respeito dos jovens na cena cosplay, publicados por Mônica Ferrari Nunes.

Na medida em que relatam cotidianamente os acontecimentos, os comunicadores também os interpretam a partir da ampla riqueza do imaginário cultural ou noosfera. Filtram, retrabalham e ressignificam alguns elementos

da noosfera e os compartilham em outra espécie de esfera imaginária própria, que a pesquisadora Malena Contrera chama de mediosfera. A maneira como elementos da ampla riqueza arquetípica da humanidade são filtrados, quando se interpretam os acontecimentos na esfera da mediosfera, é uma questão que ainda precisa ser abordada com maior profundidade na formação dos comunicadores.

As dinâmicas simbólicas aparecem também na produção de brasileiros como Edvaldo Pereira Lima e Monica Martinez. Lima trabalha a noção de jornalismo literário avançado, tendo desenvolvido o método que denomina *escrita total*, no qual o conteúdo simbólico é parte essencial. A base desse trabalho foi seu livro, atualmente na quarta edição, *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Martinez, por sua vez, em sua obra *Jornada do herói*, investiga, a partir de fundamentos na mitologia e na psicologia analítica, entre outros campos, como as estruturas narrativas míticas estão presentes na construção de histórias de vida em jornalismo.

Outra abordagem das dimensões simbólicas está presente quando observamos, como já fez Harry Pross, a participação dos comunicadores na atividade mediática de sincronização do tempo de vida das pessoas nas sociedades reguladas cronologicamente pelos relógios. Tal função de sincronização social dos então chamados meios de comunicação foi fundamental, especialmente, no contexto dos jornais diários e das emissoras de rádio e televisão até o final do século XX. O papel de sincronização social dos media continua sendo um grande tema de pesquisa, na medida em que a administração do tempo por parte dos cidadãos está marcada por pou-

cos horários das grades de programação estabelecidas, como os telejornais, e o potencial acesso, inclusive pelas chamadas mídias móveis, a qualquer programação independente do horário de exibição.

DINÂMICAS TECNOLÓGICAS

As dinâmicas emergentes do uso dos aparatos técnicos que privilegiam a velocidade do tráfego de informações no contexto capitalista contemporâneo marcam profundamente a formação e atuação dos profissionais que atuam no universo da comunicação. Enquanto os aparatos técnicos estão, como acenamos antes, constantemente online, os cidadãos que os usam ainda precisam descansar oito horas por dia e necessitam, para isso, desconectar os aparelhos por alguns períodos de tempo. Essas questões já foram levantadas pelo comunicólogo espanhol Vicente Romano quando, a partir do debate sobre temas ecológicos relacionados à preservação do planeta, propôs uma ecologia da comunicação frisando, entre outros elementos, que a ampla capacidade técnica de interconexão deveria respeitar a capacidade de operação dos sentidos na comunicação face a face. Precisaria contar com o envolvimento do tato, do olfato, do gosto, além dos sentidos da audição e da visão ampliados por aparelhos eletrônicos que permitem ver e ouvir continuamente cenários ou acontecimentos de outros locais do globo.

O embaralhamento mediático das dimensões dos espaços e tempos vividos permitiu a emergência da chamada “condição glocal”, que, segundo o pesquisador brasileiro Eugênio Trivinho, borrou as separações entre público e privado, próximo e distante, interno e externo, coletivo e

individual, familiar e heterodoxo, real e imaginário. Nesse contexto, além da opção radical e admirável de voltar aos campos e cultivar os frutos da terra, os cidadãos acabam sendo apreciados – ou não – por suas competências de circulação mais ou menos veloz no contexto dos aparatos técnicos, isto é, mensurados por suas dromoaptidões, para usarmos o termo grego *dromo*, no sentido de celeridade e agilidade, como fez Paul Virilio.

As inúmeras formas de compartilhamento de informações no contexto das redes digitalmente conectadas fizeram com que também os jornalistas, antes valorizados por suas habilidades de dar furos de reportagem em publicações de notícias majoritariamente diárias, reinventassem os modos de sua atuação. Quando virtualmente qualquer pessoa próxima a um evento pode publicar informações a respeito dele, mesmo que isso não se enquadre necessariamente no termo *jornalismo*, o papel dos jornalistas passa a justificar-se por diferenciais de qualidade na seleção, apuração e edição do conteúdo noticioso.

Nesse contexto, para que os cidadãos e especialmente os cidadãos comunicadores não se tornem apenas funcionários de máquinas que trabalham sempre com maior velocidade de conexão, faz-se necessário um conjunto de aprendizados nos campos da *media literacy* estudados, entre outros, por Thomas Bauer, da Universidade de Viena, e das *social media literacies*, investigadas, entre outros, por Howard Rheingold, da Universidade da Califórnia em Berkeley e da Universidade de Stanford. Em sua obra *Net smart: how to thrive online*, publicada em 2012, Rheingold mostra como usar as mídias sociais de forma inteligente e humilde e descreve cinco letramentos

digitais fundamentais ou habilidades para sobrevivência no universo das redes como atenção, participação, colaboração, consumo crítico da informação ou detecção de bobagens e inteligência de rede.

A constante criação de aplicativos e outras inovações tecnológicas, marcadas pelos processos de obsolescência programada e comercializadas como estratégia corporativa de imposição de uma monocultura informática global, fazem com que os comunicadores, entre eles os jornalistas, não se limitem a usar aplicativos para divulgação de conteúdos, mas também sejam desafiados a aprender noções de programação. É o que aconteceu recentemente, por exemplo, no processo pedagógico de reportagem/pesquisa e redação de verbetes com os nomes dos brasileiros perseguidos políticos no período da ditadura militar (1964-1985) na Wikipédia, coordenado por João Alexandre Peschanski na Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo. Em certo sentido, a atividade desenvolvida por Peschanski desafia os jovens a não se limitarem a atuar como funcionários dos aparelhos, termo usado por Vilém Flusser para descrever, na década de 80 do século passado, como já frisamos, a maneira como na sociedade telemática crescia a tendência à transformação dos cidadãos em pessoas que brincam com aparelhos prontos e agem em função deles.

Por outro lado, pesquisadores brasileiros estão empenhados em analisar como as instituições universitárias promovem as habilidades tecnológicas no ensino de comunicação, especialmente do jornalismo, no Brasil. Walter Lima Junior (2013; 2015), por exemplo, destaca a necessidade do desenvolvimento de habilidades computacionais e a capacidade de extrair informações não triviais em gran-

des bases de dados e, se possível, transformá-las em narrativas visualmente amigáveis. Ele enfatiza que o mundo dos dados digitalizados supõe profissionais de informação de relevância social para extrair registros estruturados e produzir narrativas sintonizadas com a demanda informativa da sociedade contemporânea. Um profissional que atue como *hacking journalist*, aquele que, sem deixar de lado o cultivo dos princípios deontológicos da profissão, desenvolve habilidades de construção de sistemas para capturar e interpretar informações.

DINÂMICAS DE CORRESPONSABILIDADE PLANETÁRIA

Outras são as dinâmicas geradas pela corresponsabilidade no cuidado com o planeta como casa de todos, ou Terra Pátria, na terminologia de Edgar Morin. O termo *colaboração* é bastante desenvolvido nas plataformas ditas colaborativas e em novos projetos de jornalismo, como o *Nexo Jornal*. Tratam-se de projetos em construção, semelhantes a outros que os precederam, como é o caso do *Global Voices*, fundado em 2004, que se define como "uma comunidade de mais de 1.400 escritores, blogueiros, analistas, jornalistas, especialistas de media online e tradutores espalhados pelo planeta que trabalham juntos na cobertura de blogues e das redes sociais de toda a parte, dando ênfase às vozes que não são normalmente escutadas pelos veículos de comunicação social internacional". Ou ainda, no Brasil, o coletivo *Mídia Ninja*, que se destacou a partir da forma como envolveu muitos protagonistas, não necessariamente jornalistas, na convocação dos manifestantes e na cobertura das manifestações de rua realizadas especialmente em junho de 2013 em várias cidades brasileiras.

As dinâmicas colaborativas estão presentes nas práticas e reflexões a respeito dos recursos pedagógicos abertos, desenvolvidas por Bianca Santana e Nelson Prieto, e nos debates sobre o Marco Civil na Internet, a partir de pesquisas e ações políticas desenvolvidas por Sergio Amadeu da Silveira, da Universidade Federal do ABC, e Ronaldo Lemos, do ITS, o Instituto Tecnologia & Sociedade do Rio de Janeiro. Tais discussões consideram temas que muito interessam aos comunicadores, como a importância sociocultural do software livre, da crítica ao conhecimento proprietário e do debate a respeito do conhecimento como construção comum, como acontece com as licenças *Creative Commons* quando artigos, pesquisas e livros podem ser copiados, distribuídos, transmitidos ou remixados, desde que se cite a fonte e se distribua sob a mesma licença.

A perspectiva colaborativa, presente desde os primórdios nas formas de vida e organizações sociais, misturada recursivamente com a perspectiva competitiva, vem à tona nos debates internacionais a respeito da crescente consciência de cuidado com o planeta tratada em conferências como a ECO 92 – Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, realizada no Rio de Janeiro, em 1992, a COP 21 – Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas, realizada em Paris, em 2015, bem como a COP 22, realizada em Marrakesh, Marrocos, em 2016. Tal perspectiva acentua a função pública dos trabalhos dos comunicadores e exige uma formação que considere o que o filósofo e sociólogo francês Edgar Morin chamou de sete saberes necessários à educação do futuro: a percepção das cegueiras do conhecimento quando limitado apenas à visão científica do mundo; a

importância da admissão do erro e da ilusão em qualquer interpretação dos fatos; os princípios do conhecimento pertinente; o aprendizado da condição humana; o ensino da identidade terrena; a disposição para o enfrentamento das incertezas; o aprendizado da compreensão e da ética do gênero humano.

Essas questões estão inseridas no conjunto de processos comunicativos marcados, conforme terminologia de Vilém Flusser, como já lembramos, pela tensão entre discurso e diálogo. Considerando que os discursos reforçam o que já está convencionalizado e os diálogos implicam em abertura frente às provocações do outro, a ação dos profissionais da comunicação se faz nas fronteiras entre um e outro. Quando grande parte da comunicação chamada instrumental ou das indevidamente denominadas ferramentas da comunicação é usada para manutenção dos discursos, os cidadãos, e entre eles os comunicadores, são desafiados a apostar preferencialmente em posturas dialógicas.

Tal desafio é tão grande que Dietmar Kamper chegou a reivindicar a necessidade de se pensar contra o pensamento, de se questionar as próprias afirmações quando até as opiniões contraditórias desaguam nas chamadas tautologias que, como lixo linguístico, entopem as últimas lacunas do mundo homogeneizado pelos meios de comunicação. Tal desafio de se desconfiar das próprias afirmações pode ser um caminho aberto à dialogia, isto é, às mudanças que fontes, fatos, rostos sem esperança, tenos ou sonhadores, rostos dos que habitam os lixões e os edifícios luxuosos provocam nos homens e mulheres de nosso tempo, em especial naqueles que se propõem a atuar como profissionais de comunicação.

DINÂMICAS ACADÊMICAS

As mudanças na formação e atuação dos comunicadores e, dentro do possível, também comunicólogos, estão a pleno vapor. Implicam um progressivo diálogo entre instituições de ensino, jovens estudantes, pesquisadores, empreendedores, corporações de media e grupos de protagonistas que se propõem a assumir posturas críticas diante das tendências exageradamente mercadológicas.

Análises críticas podem ser acompanhadas em redes que alimentam o debate a respeito da comunicação, como o *Observatório da Imprensa*, nas publicações dos sindicatos e associações profissionais. Pesquisas científicas a respeito são apresentadas anualmente nos congressos como o da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom e nos encontros anuais da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós.

A formação de comunicadores dispostos a pensar criticamente os processos de comunicação passa fundamentalmente pela postura dialógica nos ambientes de aprendizagem, pelo cuidadoso empenho em pesquisas de iniciação científica, mestrado e doutorado, pela participação nas dinâmicas cognitivas e afetivas dos congressos e pelas publicações balizadas pela leitura dos pares.

Nesse contexto, na segunda década do século XXI, os cursos de comunicação de todo o Brasil estão reorganizando seus currículos a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais, publicadas pelo Ministério da Educação.

CAMINHO A PERCORRER

As dinâmicas elencadas podem permitir o crescimento da consciência de que os processos de comunicação, entre

eles aqueles próprios dos comunicadores, entre eles os jornalistas, não se limitam ao que muitos empregadores contemporâneos ainda chamam de ferramentas de comunicação, em sentido instrumental. Uma reportagem publicada online ou mesmo um cartaz usado na comunicação interna de uma organização não deveriam ser tratados apenas como ferramentas de comunicação. Constituem parte de processos comunicativos que podem ser estudados de forma sistêmica, considerando que toda comunicação começa no corpo e para ele retorna, compreendendo que os atores participam dos processos e estão envolvidos nos mesmos. Tal perspectiva permite perceber que os protagonistas, entre eles os jornalistas, compartilham de uma ecologia da comunicação, da qual participam, como se executassem uma sinfonia, os corpos, as imagens e os sons, os textos escritos e as diversas expressões compartilhadas em sistemas codificados na forma de zero e um do universo digital.

As dinâmicas apontadas não compreendem a riqueza das abordagens em constante desenvolvimento no estudo a respeito da formação e atuação dos comunicadores. Pretendem apenas recordar ao autor e aos leitores que temos um longo caminho a percorrer.

Capítulo 5

CULTURA DO OUVIR, VÍNCULOS E AMBIENTES COMUNICACIONAIS

*É preciso mudar do ângulo de
vista para o ângulo de escuta.
O que não se pode ver, é preciso ouvir.*

Dietmar Kamper

Percorremos até aqui um caminho marcado por uma concepção de comunicação como atividade vinculadora, isto é, geradora de ambientes de afetividade. Entendendo, com Kamper, que o ouvir é uma categoria do corpo e seu pensar, percebemos que os vínculos sonoros são constituídos por uma complexa trama de matizes afetivos e enfatizamos a necessidade de não se confundir a dinâmica probabilística e complexa da comunicação com o sentido funcionalista de troca de informações (Baitello Jr., 2007, p. 13).

No contexto desta concepção de comunicação, investigamos o ouvir como uma dinâmica do corpo e retomamos algumas das questões discutidas no V Congresso Internacional de Comunicação e Cultura – ComCult, realizado em novembro de 2015, em São Paulo (Menezes, 2015).

O ouvir supõe que o corpo esteja presente em um determinado ambiente, que esteja disposto a tal, situação muito delicada quando constatamos a “perda do presente”, isto é, a dificuldade do homem contemporâneo em estar no lugar e no tempo em que está o seu corpo (Kamper, 1995).

O ouvir implica, como já acenamos acima, a lenta aprendizagem do sentir para acolher, tecer conexões ou caminhar em busca “das relações, dos sentidos e do sentir” (Baitello Jr., 2014, p. 145). O ouvir amplia as possibilidades de contato com o universo tridimensional, como nos lembra Christoph Wulf:

Enquanto a vista nos dá uma imagem do mundo em duas dimensões, *o aspecto tridimensional do espaço* manifesta-se através do ouvido. Enquanto a vista percebe apenas objetos que estão “diante” dela, a orelha percebe sonoridades, to-

nalidades e timbres que se encontram atrás dela. Através do ouvido se desenvolvem *o sentido e a consciência do espaço*. A combinação do ouvido e do sentido do espaço, corresponde a implantação morfológica do sentido de equilíbrio na orelha. Com o ouvido nos “localizamos” no espaço, garantimos o andar ereto e o equilíbrio” (Wulf, 2002, p. 464).

O ouvir, como sentido de distância, paradoxalmente faz com que os participantes dos processos de comunicação se sintam próximos, reconheçam-se mutuamente, trabalhem de forma mais comprometida, por exemplo, na redução da escalada da violência doméstica e urbana, como alertou Kamper no evento *Imagem e Violência*, realizado no período de 28 a 31 de março de 2000 no Sesc Vila Mariana, em São Paulo. O ouvir pode abrir caminho ao toque, ao carinho; da mesma forma que o ouvido é invadido pelas ondas sonoras, o corpo do outro pode ser tocado tanto pelas ondas sonoras como, quando há abertura para isso, de forma tátil no abraço e no afago.

O ouvir implica no que Kamper denomina *processo de ampliação da percepção do outro*. Enquanto o outro é predominantemente uma imagem, pode ser descartado e substituído pela próxima imagem. A pressa em buscar ou deixar-se invadir pela próxima imagem faz com que o tempo se oponha à vida: o ouvir implica na necessidade de não considerar o tempo como um opositor. Frisando esta questão, Kamper já alertava que “a profundidade do mundo não é para o olho. E quando o olhar penetra, apenas aumentam novamente as superfícies e superficialidades” (Kamper, 1995, p.57).

Também com o som temos um problema quando se

insiste na repetição das palavras ouvidas, em forma de eco, questão já abordada na narrativa grega da ninfa Eco. Por outro lado, na cultura ocidental contemporânea o silêncio está reservado aos templos, igrejas, salas de concerto, teatros, cinemas e bibliotecas. Guardar o silêncio, talvez o mais eloquente dos clamores, provavelmente é uma prática mais comum nos países do Oriente que nos países do Ocidente. Wulf frisa que no silêncio se reorganiza o mundo, a linguagem e o discurso. “No silêncio se transforma o sentido, surge uma complexidade enigmática na qual a linguagem trabalha em vão” (Wulf, 2008, p. 147).

O ouvir nos alerta, no contexto universitário, para a acolhida das noções, conceitos ou teorias de diferentes famílias teóricas. Abre caminhos para a convivência crítica sem o menosprezo ou censura pelas noções, conceitos ou teorias dos outros. Abre espaço, para quem assim desejar, para o silêncio contemplativo da comunicação com os outros, ou então para o silêncio quando, no meio de tanta busca quantitativa em relação à produção de textos, corremos sempre o risco de ouvir mais do mesmo.

Nos últimos anos, várias pesquisas ampliaram os horizontes dos estudos ao redor da cultura do ouvir. Em *Áudio-imagem: estudo da comunicação auditiva segundo Joachim-Ernst Berendt*, Luiza Spinola Amaral abriu caminhos para uma “abordagem acústica das imagens, enquanto “áudio-imagens”, como forma de se resgatar a reinserção do corpo no âmbito de estudos da imagem e da mídia, frente às práticas de relacionamento atuais, que implicam uma tele-existência via TVs, computadores, celulares, tablets e afins...” (Amaral, 2016, 111). Investigou o som como expressão da comunicação humana, considerou o ouvir

como fonte de reativação do corpo na criação de imagens interiores e frisou a espacialidade da escuta, “de modo que a imagem possa ser pensada através de sua expressividade tridimensional, enquanto sentido do corpo, estimulando a leitura do mundo através da espacialidade do ouvir, na captura do ambiente acústico, e não pelo distanciamento dos olhos” (Amaral, 2016, 112).

Os jogos sonoros e as performances do corpo nos programas de rádio produzidos com crianças e voltados a elas foram estudados por Rodrigo Fonseca Fernandes em *Rádio Brincadeira: os jogos sonoros e as performances do corpo nos programas infantis*. O pesquisador, a partir de programas como Rádio Maluca e Estação Brincadeira, veiculados pela Rádio MEC/RJ, compreende o rádio como ambiente de vinculação através de performances sonoras oriundas dos corpos e questiona as características lineares de muitos programas do rádio tradicional. De acordo com o autor:

Os sons que confundem a cuca são agentes da subversão do *savoir faire* tradicional do rádio: uma espécie de retorno à corporeidade, aos vínculos mais primários e sólidos, que estão na vibração do som na pele, no sopro do aparelho fonador, no golpe da mão no couro do tambor, nas pedrinhas coloridas que se precipitam de um lado para o outro da bandeja, imitando o som do mar; está na fala inesperada da criança, provocando expressões de surpresa no rosto do apresentador. Confundir a cuca não é um desafio para o intelecto, é a chamada do corpo para a brincadeira. (...) Discretamente, o microfone transforma essas energias sonoras em energias elétricas e calor, que serão transportadas a outros ambientes, gerando novamente energia

sonora, vibrando nas peles e dando partida a novos jogos sonoros, novas máscaras, novos afetos (Fernandes, 2014, p. 101).

Em *O ouvido educado: a audição de documentários radiofônicos em salas de aula de ensino médio sob o prisma da cultura do ouvir e da teoria da complexidade*, Carlos Eduardo de Almeida Sá registrou e analisou, a partir das relações interdisciplinares entre educação e comunicação, a experiência de audição de documentários radiofônicos em salas de aula do ensino médio como recurso para compreender a cultura do ouvir (Sá, 2014). A partir da audição do documentário *Vozes do Timor*, produzido pela jornalista Rosely Forganes, veiculado pela Rádio Eldorado e depois disponibilizado em forma de CD, o pesquisador, uma professora do ensino médio e os alunos deixaram-se sensibilizar pelo ambiente sonoro e pelos depoimentos gravados no contexto do massacre da população do Timor por parte da Indonésia e reconstrução do país com apoio de forças de paz da Organização das Nações Unidas a partir do ano 2000.

Por sua vez, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva (2014), em *“Mergulho no escuro” e outros mergulhos: programas de auditório como ambientes radiofônicos*, estudou o atual ressurgimento desses programas inspirados no formato criado pelas das emissoras de rádio nas décadas de 1940 e 1950. No cenário marcado pela possibilidade de se ouvir um programa através de um aparelho de rádio ou de qualquer tecnologia digital, a pesquisadora investigou os motivos que levam os ouvintes a se deslocarem até os auditórios. Observou que em três programas radiofônicos com plateia, apresentados em instituições localizadas na Avenida Paulista, em São Paulo, o corpo se faz presente, irrompe pedindo a convivência com

outros corpos, indica que “corpo pede corpo”. Ao participar, ouvir e estudar criticamente os programas *Fim de Expediente* e *Divã do Gikovate*, produzidos por comunicadores da rádio CBN no teatro Eva Herz do Conjunto Nacional, e *Mergulho no Escuro*, produzido por Zuza Homem de Mello a partir da Sala Vermelha do Instituto Cultural Itaú e acessível pela webrádio da instituição, “os sentidos dos participantes presentes nos auditórios são acionados de forma recursiva pelas performances dos corpos e pela construtibilidade do espaço qualificado, portanto, pelo ambiente polissensível” (Silva, 2014, p. 6). Constatou que “a exploração do formato dos programas de auditório, além de ser uma estratégia de marketing das atuais emissoras de rádio, é uma forma de resistência do corpo concreto e sedento de vinculação” (Silva, 2014, p. 6).

Na dissertação *Transformações na escuta radiofônica: o protagonismo dos ouvintes na geração de conteúdo*, Maria Filomena Saleme (2016), após escuta e análise da programação das rádios CBN e *Bandnews*, de São Paulo, observou a presença de cinco dinâmicas: sincronização social, vínculo, fidelidade e geração de conteúdo. Constatou que, pela reversibilidade dos movimentos de fonação e audição, pelo entrelaçamento entre os sons e afetos que no radiojornalismo reverberam, seduzem e mobilizam os envolvidos, pode-se dizer que esses protagonistas, antes apenas chamados de ouvintes, participam de uma ecologia da comunicação. Com a palavra a autora:

Desde a carta, passando pelas mais diversas formas de canais de comunicação como e-mail, telefone ou mensagens de texto (SMS), o relacionamento entre emissora e audiência vem colocando o ouvinte cada vez mais no papel de protagonista deste relacionamento. O WhatsApp quando inse-

rido no contexto radiofônico, além da facilidade no manejo e da rapidez no envio de informações, também amplia o leque de possibilidades com sons e imagens. O aplicativo se revela ainda útil na prestação de serviços; a instantaneidade e a gratuidade estão estimulando os ouvintes, que aumentaram a interação e passaram a reportar problemas da cidade, como transporte, segurança e outros fatos do cotidiano. Isto é, o ouvinte se sente inserido e deixa de ser somente parte de uma audiência para se transformar em um gerador de conteúdo (Salemme, 2016, p. 54).

As perspectivas até aqui apresentadas constituem objeto de diálogo com o conjunto de pesquisadores e pesquisadoras do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura do Ouvir, do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, bem como com outros grupos como o CISC – Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia, da PUC/SP, e Mídia e Estudos do Imaginário do Programa de Pós-graduação da Universidade Paulista. Por outro lado, também são objeto de debate e crítica por parte de interlocutores de outras instituições no Grupo de Rádio e Mídia Sonora da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – e no Grupo de Trabalho Comunicação e Cultura da Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação.

Estão presentes no objetivo do projeto *Cultura do Ouvir, Vínculos e Ambientes Comunicacionais*, que o Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura do Ouvir desenvolverá a partir de 2017.

Em continuidade com o projeto anterior, denominado *Ecologia da Comunicação (2010-2016)*, o projeto compreende duas vertentes comple-

mentares. Por um lado, concentra-se no aprofundamento da noção de Cultura do Ouvir, na forma como os sons, entre outros fenômenos (música, rádio, radioarte, radiojornalismo, soundscape, mobile media, sound design...), envolvem os corpos dos atores socioculturais nos processos de comunicação. Por outra vertente, investiga-se a noção de vínculos comunicacionais considerando que os protagonistas transitam nos vetores de espaço (global/local/glocal) e tempo, cultivam as capilaridades da comunicação presencial (entre outras) e participam, com empatia e emoção, da construção de ambientes comunicacionais. Nessas duas vertentes considera-se que a “comunicação na contemporaneidade”, quando estudada na perspectiva da sustentabilidade dos processos comunicativos e/ou da ecologia da comunicação, está marcada tanto pela convivência/tensão entre vínculos presenciais e conexões digitais, como pela tensão – em linguagem mitológica – entre o cultivo dos ambientes (Oikos – casa) e a reverberação da mesmice (a ninfa Eco).

Cientes que os sons nos envolvem e permitem um conjunto de reflexões percebemos que as observações e estudos a respeito da cultura do ouvir remetem a uma ecologia da comunicação. Assim, trabalhamos com as possibilidades de se compreender a ecologia da comunicação como metáfora sistêmica para observação, investigação e compreensão de como, a partir do corpo, os processos de comunicação se derramam por diferentes capilaridades.

Considerando que a contestação, como enfatiza Vilém Flusser, é a mola propulsora de todo pensar, o livro que o leitor tem em mãos, ou na tela de um computador, é um texto a ser contestado.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O retorno e terno**. Crônicas. Campinas: Papyrus, 1992.

AMARAL, Luiza Spínola. **Áudio-imagem**: estudo da comunicação auditiva segundo Joachim-Ernst Berendt. 2016, 122 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

BAITELLO JR., Norval. As capilaridades da comunicação. In: BAITELLO Jr., N. **A serpente, a maçã e o holograma**. Esboços para uma Teoria da Mídia. São Paulo: Paulus, 2010, p. 103-113.

BAITELLO JR., Norval. A cultura como sistema semiótico. In: BAITELLO Jr., N. **O animal que parou os relógios**. São Paulo: Annablume, 1997, p. 23-31.

BAITELLO JR., Norval. A cultura do Ouvir. In: BAITELLO Jr., N. **A era da iconofagia**. Reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014, p.133-146. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

BAITELLO JR., Norval. O leitor número 69 ou o marco zero

de um futuro Flusser. In: FLUSSER, Vilém. **Língua e realidade**. São Paulo: Annablume, 2004.

BAITELLO JR., Norval. **O pensamento sentado**. Sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

BAITELLO JR., Norval. Publicidade e imagem: a visão e seus excessos. In: CONTRERA, Malena S.; HATTORI, Osvaldo T. (Orgs.). **Publicidade e Cia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

BAITELLO JR., Norval. Os sentidos e as redes. Considerações sobre a comunicação presencial na era telemática. In: BARBOSA, M.; MORAIS, O. J. (Orgs.). **Comunicação em tempo de redes sociais**. São Paulo: Intercom, 2013, p. 59-65.

BAITELLO JR., Norval. Vilém Flusser e a terceira catástrofe do homem ou as dores do espaço, a fotografia e o vento. In: KONDO, K.; SUGA, K. (Orgs.). **How to talk to photography**. Tokyo: Kokushokankokai, 2005. Disponível em: <<http://www.flusserstudies.net>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

BAUER, Thomas A. O valor público da Media Literacy. **Líbero**, São Paulo, v. 14, n. 27, p. 9-22, 2011.

BERENDT, Joachim-Ernst. **Nada Brahma**. A música e o universo da consciência. São Paulo: Cultrix, 1973.

BERNARDO, Gustavo. **A dúvida de Flusser**. Rio de Janeiro: Globo, 2002.

BERNARDO, Gustavo; MENDES, Ricardo (Orgs.). **Vilém Flusser no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

BIRDWHISTELL, Ray. **El language de la expression corporal**. Barcelona: Gustavo Gili, 1979.

BRAGA, Adriana. **Ecologia da mídia**: uma perspectiva para a comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31. Natal: Intercom, 2008. **Anais...** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0692-1.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1991.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2003.

BYSTRINA, Ivan. **Alguns conceitos semióticos e suas fontes**. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/index.php/pt/biblioteca/viewdownload/21-bystrina-ivan/65-alguns-conceitos-semioticos-e-suas-fontes.html>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

BYSTRINA, Ivan. **Semiotik der Kultur: Zeichen – Texte – Codes**. Tübingen: Sauffenburg, 1989.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**. Introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CONTRERA, Malena Segura. **Mediosfera**. Meios, imaginário e desencantamento do mundo. São Paulo: Annablume, 2010.

CONTRERA, Malena Segura. **Mídia e Pânico**. Saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.

CONTRERA, Malena Segura. Simpatia e empatia. Mediosfera e noosfera. In: BAITELLO JR.; WULF, Christoph. (Orgs.). **Emoção e imaginação**: os sentidos e as imagens em movimento. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014, p.141-150.

CONTRERA, Malena. Vínculo comunicativo. In: MARCON-

DES F., Ciro. (Org.). **Dicionário da Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2014, p. 459.

CONTRERA, Malena Segura; HATTORI, Osvaldo T. (Orgs.). **Publicidade e Cia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

CYRULNIK, Boris. **Os alimentos afetivos**. O amor que nos cura. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CYRULNIK, Boris. **Os alimentos do afeto**. São Paulo: Ática, 1995.

CYRULNIK, Boris. **Do sexto sentido**. O homem e o encantamento do mundo. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

DALL BELLO, Denize. A alma do hipertexto. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25. Salvador: Intercom, 2002. **Anais...** Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002_anais/2002_NP15bello.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2016.

D'UGO, Roberto. **Música Discreta. Tambores De Água. Pigmeus Baka**. Disponível em: <<https://soundcloud.com/user-895525755-166443565/pigmeus-baka>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

ECHETO, Víctor Silva. Comunicación intercultural, ecología y residuos: entre Palo Alto, Flusser y Guatarri. **Líbero**, São Paulo, v. 14, n. 28, p. 33-42, dez. 2011.

EIBL-EIBESFELDT, Irenäus. **El hombre preprogramado**. Madrid: Alianza, 1983.

FERNANDES, Rodrigo Fonseca. **Rádio Brincadeira**: os jogos sonoros e as performances do corpo nos programas infantis.

2014, 106f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Comunicação. Mediações. Interações**. São Paulo: Paulus, 2015.

FERRARETTO, Luiz Artur; KLÖCKNER, Luciano (Orgs.). **E o rádio? Novos horizontes midiáticos**. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2010.

FLUSSER, Vilém. **Bodenlos**: uma autobiografia filosófica. São Paulo: Annablume, 2007a.

FLUSSER, Vilém. **Comunicologia**. Reflexões sobre o futuro. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

FLUSSER, Vilém. **Da religiosidade**. A literatura e o senso de realidade. São Paulo: Escrituras Editora, 2002a.

FLUSSER, Vilém. **A dúvida**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

FLUSSER, Vilém. Estrangeiros no mundo. In: **O Estado de S. Paulo**, 14 dez. 1991. Disponível em: <http://info.pro.br/instituto_steiger/5/5300101.html> . Acesso em: 20 nov. 2016.

FLUSSER, Vilém. **Fenomenologia do brasileiro**: em busca de um novo homem. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998b.

FLUSSER, Vilém. **Ficções filosóficas**. São Paulo: Edusp, 1998a.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002b.

FLUSSER, Vilém. **A história do Diabo**. São Paulo: Annablume, 2005.

FLUSSER, Vilém. **Los gestos: fenomenología y comunicación**. Barcelona: Herder, 1994.

FLUSSER, Vilém. **Gestos**. São Paulo: Annablume, 2014.

FLUSSER, Vilém. **Língua e realidade**. São Paulo: Annablume, 2004.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**. Por uma filosofia do desing e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007b.

FLUSSER, Vilém. **Natural:mente**: vários acessos ao significado da natureza. São Paulo: Duas Cidades, 1979. São Paulo: Annablume, 2011.

FLUSSER, Vilém. **Pós-História**: vinte instantâneos e um modo de usar. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas**. Elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.

FORGANES, Rosely. **Queimado queimado, mas agora nosso!** – Timor: das cinzas à liberdade. São Paulo: Labortexto, 2002.

HALL, Edward. **A dimensão oculta**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

HANKE, Michael. A comunicologia segundo Vilém Flusser. In: FERREIRA, G.; MARTINO, L. C. (Orgs.). **Teorias da comunicação**: epistemologia, ensino, discurso e recepção. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2007.

INNIS, Harold A. **O Viés da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, Carl Gustav. **Fundamentos de psicologia analítica**. Petrópolis: Vozes, 1985.

KAMPER, Dietmar. Corpo. Fantasia. Imagem. Loucura. Disponível em: <www.cisc.org.br>. Acesso em: 20 nov. 2016.

KAMPER, Dietmar. **Mudança de Horizonte**: o sol novo a cada dia, nada de novo sob o sol, mas ... Trad. Danielle Naves de Oliveira. São Paulo: Paulus, 2016.

KAMPER, Dietmar. O padecimento dos olhos. In: CASTRO, Gustavo et.al. (Orgs.). **Ensaio de Complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1997. p. 131-137.

KAMPER, Dietmar. **O trabalho como vida**. São Paulo: Anna-blume, 1997.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais**. Mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

KÜNSCH, Dimas A. Comunicação e pensamento compreensivo: um breve balanço. In: KÜNSCH, Dimas A.; MARTINO, Luís Mauro Sá (Orgs.). **Comunicação, jornalismo e compreensão**. São Paulo: Plêiade, 2010, p. 13-47.

KÜNSCH, Dimas A. et al. (Orgs.). **Comunicação, diálogo e compreensão**. São Paulo: Plêiade, 2014. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/mestrado/livros-mestrado/>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

LEMOS, Ronaldo. **Futuros possíveis**. Mídia, cultura, sociedade, direitos. Florianópolis: Sulina, 2012.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**. O livro-repórta- gem como extensão do jornalismo e da literatura. 4º ed. São Paulo: Manole, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira; MARTINEZ, Monica. Eliane Brum: new star in Brazil's literary journalism firmament. In: KEEBLE, Richard; TULLOCH, John. (Orgs.) **Global Literary Journalism**. Exploring the journalistic imagination. Vol. 2. New York: Peter Lang, 2014.

LIMA Jr., Walter Teixeira. The data, APIs and toolkit in the production of information of social relevance (news). **Famecos**, Porto Alegre, v. 22, p. 31-47, 2015. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/19811/13216>> . Acesso em: 20 nov. 2016.

LIMA Jr., Walter Teixeira. Intersecções possíveis: tecnologia, comunicação e ciência cognitiva. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 34, n. 2, p. 93-119, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/download/3310/3374>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

LIMA Jr., Walter Teixeira; ROSA, André. Habilidades tecnológicas e ensino superior em Jornalismo no Brasil: observação das exigências contemporâneas e seu contraste com as grades curriculares. **E-Compós**, Brasília, v. 18, p. 1-22, 2015. Disponível em: < <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/1117/824>> . Acesso em: 10 nov. 2016.

MACHADO, Arlindo. Repensando Flusser e as imagens técnicas. In: **O Quarto Iconoclasmo** e outros ensaios hereges. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro. A comunicação como caixa preta: propostas e insuficiências de Vilém Flusser. **Em Questão**. Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 423-456, jun./dez. 2006.

MARGULIS, Lynn; SAGAN, Dorion. **O que é sexo?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do herói.** A estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário:** Tradição e Inovação. Florianópolis: Insular, 2016. Série Jornalismo a Rigor, n. 10.

MARTINEZ, Monica; MENEZES, José Eugenio. As narrativas da contemporaneidade a partir da relação entre a escalada da abstração de Vilém Flusser e as pinturas rupestres da Serra da Capivava. **Fronteiras – Estudos Midiáticos**, v.11, n. 2, p. 103-112, maio/ago. 2009. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/5046>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

MEDIA ECOLOGY ASSOCIATION (MEA). Disponível em: <<http://www.media-ecology.org/>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e Pesquisa para o Jornalismo que está por vir.** A função social da Universidade e os obstáculos para a sua realização. Florianópolis: Insular, 2012.

MENDES, Ricardo. **Vilém Flusser: uma história do diabo.** Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MENEZES, José Eugenio de O. **Rádio e cidade: vínculos sonoros.** São Paulo: Annablume, 2007.

MENEZES, José Eugenio de O. Comunicação dialógica e comunicação discursiva em Vilém Flusser. In: COSTA, Murilo Jar-

dilino da (Org.). **A festa da língua: Vilém Flusser**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2010, p. 53-61.

MENEZES, José Eugenio de O. Comunicação e cultura do ouvir. In: KÜNSCH, D.; BARROS, L. M. de (Orgs.). **Comunicação. Saber, arte ou ciência**. Questões de teoria e epistemologia. São Paulo: Plêiade, 2008.

MENEZES, José Eugenio de O. Comunicação, espaço e tempo: Vilém Flusser e os processos de vinculação. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 6, n. 15, p. 165-182, 2009. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/151>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

MENEZES, José Eugenio de O. Cultura do ouvir. Das pinturas rupestres aos audiocasts. **Folios**, Antioquia – Colômbia, v. 28, p. 13-26, 2012. Disponível em: <<https://aprendeonline.udea.edu.co/revistas/index.php/folios/article/viewFile/15100/13179>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

MENEZES, José Eugenio de O. Dinâmicas que atravessam o jornalismo na contemporaneidade. In: COELHO, Cláudio et al. (Orgs.). **Jornalismo e contemporaneidade**. Um olhar crítico. São Paulo: Plêiade, 2015, p. 169-184.

MENEZES, José Eugenio de O. Ecologia da comunicação: a cultura como um macrossistema comunicativo. In: CHIACHIRI F., A.R.; CAZELOTO, E.; MENEZES, J.E.O. (Orgs.). **Comunicação, tecnologia e cidadania**. São Paulo: Plêiade, 2013. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/mestrado/livros-mestrado/>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

MENEZES, José Eugenio de O. Tempo do ouvir. Sons, vínculos e ambientes comunicacionais. In: CONGRESSO INTERNA-

CIONAL DE COMUNICAÇÃO E CULTURA, 5. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2015. **Anais...** Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/index.php/pt/biblioteca/finish/30-comcult/160-jose-eugenio-menezes.html>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

MENEZES, José Eugenio de O. Ecologia da Comunicação: som, corpo e cultura do ouvir. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 24. Brasília: Compós, 2015. **Anais...** Disponível em: <http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-78f0a-99a-e9c2-4903-a479-b86ab64e2e91_2767.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2016.

MENEZES, José Eugenio de O. Ecologia da comunicação: som, corpo e cultura do ouvir. **Líbero**, São Paulo, v. 18, n. 36, p. 111-118, 2015. Disponível em: <<http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/31>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

MENEZES, José Eugenio de O. Para ler Vilém Flusser. In: COELHO, Cláudio et. al. (Orgs.). **Estudos de Comunicação Contemporânea: perspectivas e trajetórias**. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/mestrado/livros-mestrado/>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

MENEZES, José Eugenio de O. Rádio informativo e ecologia da comunicação: o Jornal da CBN como cenário de vinculação sociocultural. In: FERRARETTO, Luiz Artur e KLÖCKNER, Luciano (Org.). **E o rádio? Novos horizontes midiáticos**. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2010, p. 205-220.

MENEZES, José Eugenio de O. Vínculos sonoros e ecologia da comunicação. In: BORNHAUSEN, D.A.; SILVA, M.R.; MIKLOS, J. (Orgs.). **CISC 20 anos: comunicação, cultura e mídia**.

São José do Rio Preto: Bluecom, 2012, p. 485-500. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

MENEZES, José Eugenio de O.; CARDOSO, Marcelo (Orgs.). **Comunicação e Cultura do Ouvir**. São Paulo: Plêiade, 2012. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/mestrado/livros-mestrado/>>. Acesso em: 10 out. 2016.

MENEZES, José Eugenio de O. ; KÜNSCH, Dimas. Ficção filosófica, ensaio e compreensão em Vilém Flusser. **Líbero**, São Paulo, v. 19, n. 37, p. 71-80, 2016. Disponível em: <<http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/41>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

MENEZES, José Eugenio de O.; MARTINEZ, Monica. A consumidora consumida. Diálogo com Vilém Flusser sobre o consumo. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 190-200, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/2945>. Acesso em: 17 nov. 2016.

MENEZES, José Eugenio de O. ; MARTINEZ, Monica. Do ego para o eco-sistema: vínculos e afetos na contemporaneidade. **Comunicologia**, Brasília, v. 7, n. 1, p. 263 – 279, 2014. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/viewFile/5634/3607>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

MENEZES, José Eugenio de O.; MARTINEZ, Monica. Jornalismo e tempo profundo: o trabalho de Nelson Araújo no Globo Rural. In: KÜNSCH, Dimas A.; SILVA, Gislene *et al.* (Orgs.). **Jornalismo contemporâneo. Figurações, impasses e perspectivas**. Salvador: EDUFBA/Compós, 2011, p. 181-202. Disponível em: <http://www.compos.org.br/ler_publicacoes.php?idPublicacao=MjM=>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

MENEZES, José Eugenio de O. A colonização do biotempo. In: ROMANO, Vicente. **Ecologia da Comunicação**. Trad. Bras. (no prelo).

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MITCHELL, Melanie. **Complexity: guided tour**. New York: Oxford University Press, 2009.

MOLES, Abraham A. El muro de la comunicación. In: MORA-GAS, Miquel de (Ed.). **Sociología de la comunicación de masas**. Barcelona: Gustavo Gili, 1982, p. 120-135.

MONTAGU, Ahsley. **Tocar: o significado humano da pele**. São Paulo: Summus, 1998.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem**. Para uma nova antropologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez/Unesco, 2000.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

OTTO, Rudolf. **O sagrado: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA. **Fundação Museu do Homem Americano**. FUMDHAM. Disponível em: <<http://www.fumdham.org.br/pinturas.asp>> . Acesso em: 15 nov. 2016.

PAULA, Julio de. **Metzontla, Los Reyes. A paisagem sonora como documentário.** Monografia (Pós-graduação em Teorias e Práticas da Comunicação), Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2013.

PAULA, Julio de. **Metzontla, Los Reyes.** Disponível em: <<https://soundcloud.com/juliodepaula/metzontla-los-reyes>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

PELEGRINI, Milton. As nossas imagens do tempo e como ele começou. In: CONTRERA, Malena Segura et al. (Orgs.) **O espírito do nosso tempo.** Ensaios de semiótica da cultura e da mídia. São Paulo: Annablume, 2004.

PESCHANSKI, João Alexandre; MORAES, Renato. A comunicação democrática, uma utopia real. **Communicare**, São Paulo, v. 13, p. 53-63, 2013.

PESSIS, Anne-Marie. **Imagens da Pré-História:** Parque Nacional Serra da Capivara. São Paulo: Fundham/Petrobrás, 2003.

POSTMAN, Neil. **Media Ecology.** Disponível em: <<http://www.media-ecology.org/>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

PRADO, Magaly. **Ciberativismo e noticiário.** Da mídia torpedista às redes sociais. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015.

PROSS, Harry. **Medienforschung.** Darmstadt: Carl Habel, 1971.

PROSS, Harry. **A sociedade do protesto.** São Paulo: Annablume, 1997.

PROSS, Harry. **La violencia de los símbolos sociales.** Barcelona: Anthropos, 1989.

PROSS, Harry; BETH, Hanno. **Introducción a la Ciencia de la Comunicación**. Barcelona: Gustavo Gili, 1980.

PROSS, Harry; ROMANO, Vicente. **Atrapados en la red mediática**: orientación em la diversidad. Hondarribia: Argitaletxe Hiru, 1999.

REALE, Giovani; ANTISERI, Dante. **História da filosofia**: do Romantismo até os nossos dias. São Paulo: Paulus, 1991.

RHEINGOLD, Howard. **Net Smart: how to thrive online**. Cambridge/London, MIT Press, 2012. Disponível em: <<http://hci.stanford.edu/courses/cs047n/readings/rheingold-net-smart.pdf>> . Acesso em: 10 dez. 2015.

RÖLLER, Nils. Um Platão da era dos computadores. **Folha de S.Paulo**. 16 dez. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1612200107.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

ROMANO, Vicente. **Ecología de la Comunicación**. Hondarribia: Editorial Hiru, 2004.

RUBLESCKI, Anelise; BARICHELLO, Eugenia Mariano da Rocha (Orgs.). **Ecologia da Mídia**. Santa Maria: Facos-UFSM, 2013.

SÁ, Carlos Eduardo de Almeida. **O ouvido educado**: a audição de documentários radiofônicos em salas de aula de ensino médio sob o prisma da cultura do ouvir e da teoria da complexidade. 2014. 199 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2014.

SALEMME, M. Filomena. **Transformações na escuta radiofônica**: o protagonismo dos ouvintes na geração de conteúdo.

2016. 80 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2016.

SANTANA, Bianca; ROSSINI, Carolina; PRETTO, Nelson de Luca. **Recursos educacionais abertos**. Práticas colaborativas e políticas públicas. São Paulo/Salvador: Casa da Cultura Digital/EDUFBA, 2012. Disponível em: <<http://www.livrorea.net.br/livro/livroREA-1edicao-mai2012.pdf>> . Acesso em: 10 nov. 2016.

SCOLARI, Carlos A. Media ecology: exploring the metaphor to expand the theory. **Communication Theory**, v. 22, n. 2, p. 204-225, 2012.

SILVA, Maurício Ribeiro da. **Na órbita do imaginário**. Comunicação, imagem e os espaços da vida. São José do Rio Preto: Bluecom; São Paulo: Unip, 2012.

SILVA, Julia Lucia de Oliveira Albano da. **“Mergulho no Escuro” e outros mergulhos. Programas de auditório como ambientes radiofônicos**. 2014. 131f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

SILVA, Julia Lucia de Oliveira Albano da. **Rádio: oralidade mediaticizada**. O spot e os elementos da linguagem radiofônica. São Paulo: Annablume, 1999.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu (Org.). **Cidadania e Redes Digitais**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil / Maracá – Educação e Tecnologia, 2010.

SOUZA, Mauro Wilton de; CORRÊA, Elizabeth Saad. (Orgs.). **Mutações no espaço público contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 2014.

TRIVINHO, Eugênio (Org.). **A condição glocal**. Configurações tecnoculturais, sociopolíticas e econômico-financeiras na civilização mediática avançada. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2014.

VARGAS, M. Naturalmente, de Vilém Flusser. Resenha. **Revista Brasileira de Filosofia**, v. 30, n. 118, 1980.

VIRILIO, Paul. **A velocidade de libertação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1998.

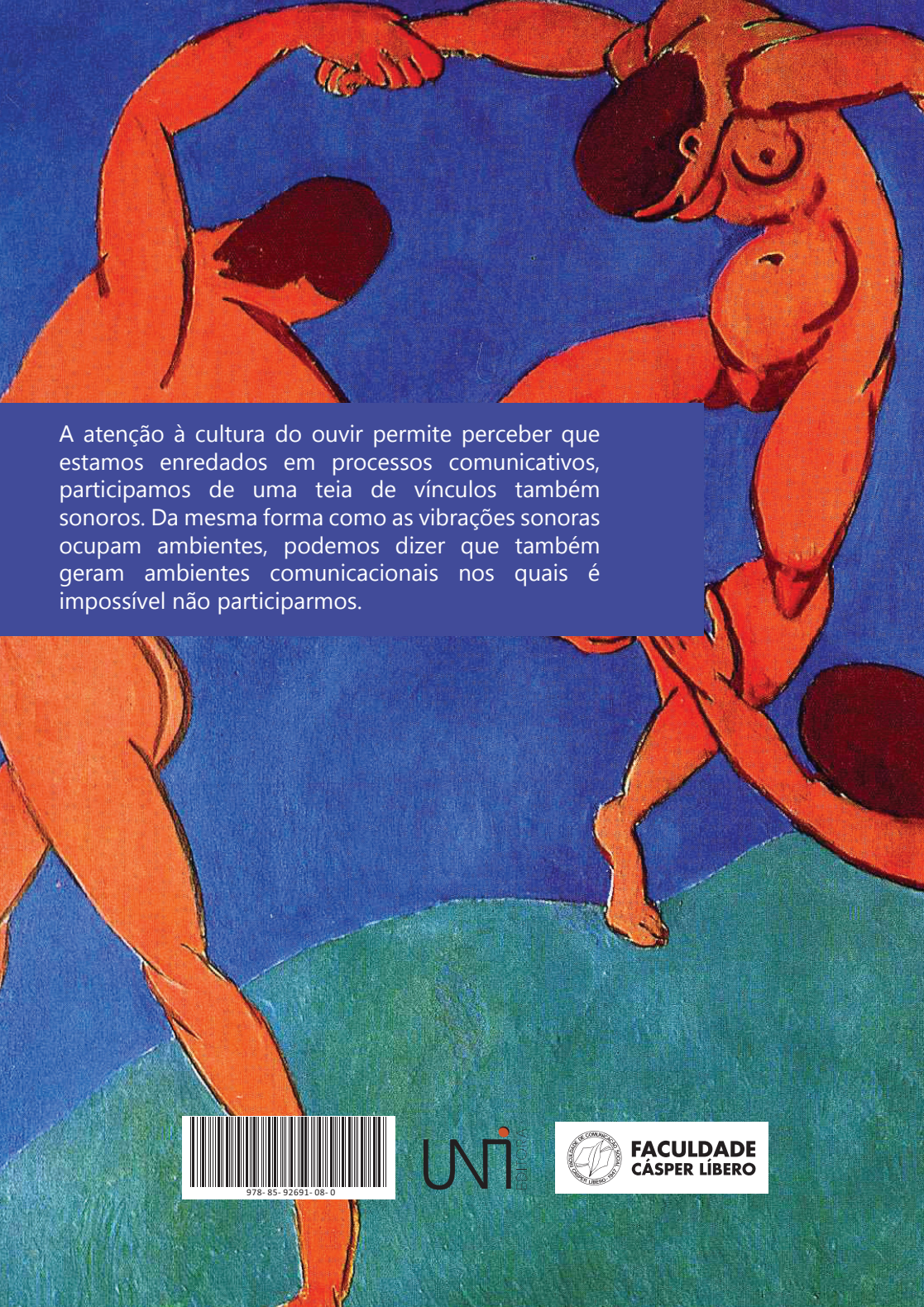
VITA, L. W. A história do Diabo, de Vilém Flusser. Resenha. **Revista Brasileira de Filosofia**, v. 16, n. 64, 1966.

ZIELINSKI, Siegfried et al. (Orgs.). **Flusseriana: an intellectual toolbox**. Minnesota: Univocal, 2015.

WAINBERG, Jacques A. **Revolucionários, mártires e terroristas**. A utopia e suas consequências. São Paulo: Paulus, 2015.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação**. Da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papirus, 1998.

WYSS, Dieter. **Mitteilung und Antwort**. Göttingen: Vandenhoeck, 1976.



A atenção à cultura do ouvir permite perceber que estamos enredados em processos comunicativos, participamos de uma teia de vínculos também sonoros. Da mesma forma como as vibrações sonoras ocupam ambientes, podemos dizer que também geram ambientes comunicacionais nos quais é impossível não participarmos.



978-85-92691-08-0

UNI
ESTOIA



**FACULDADE
CÁSPER LÍBERO**